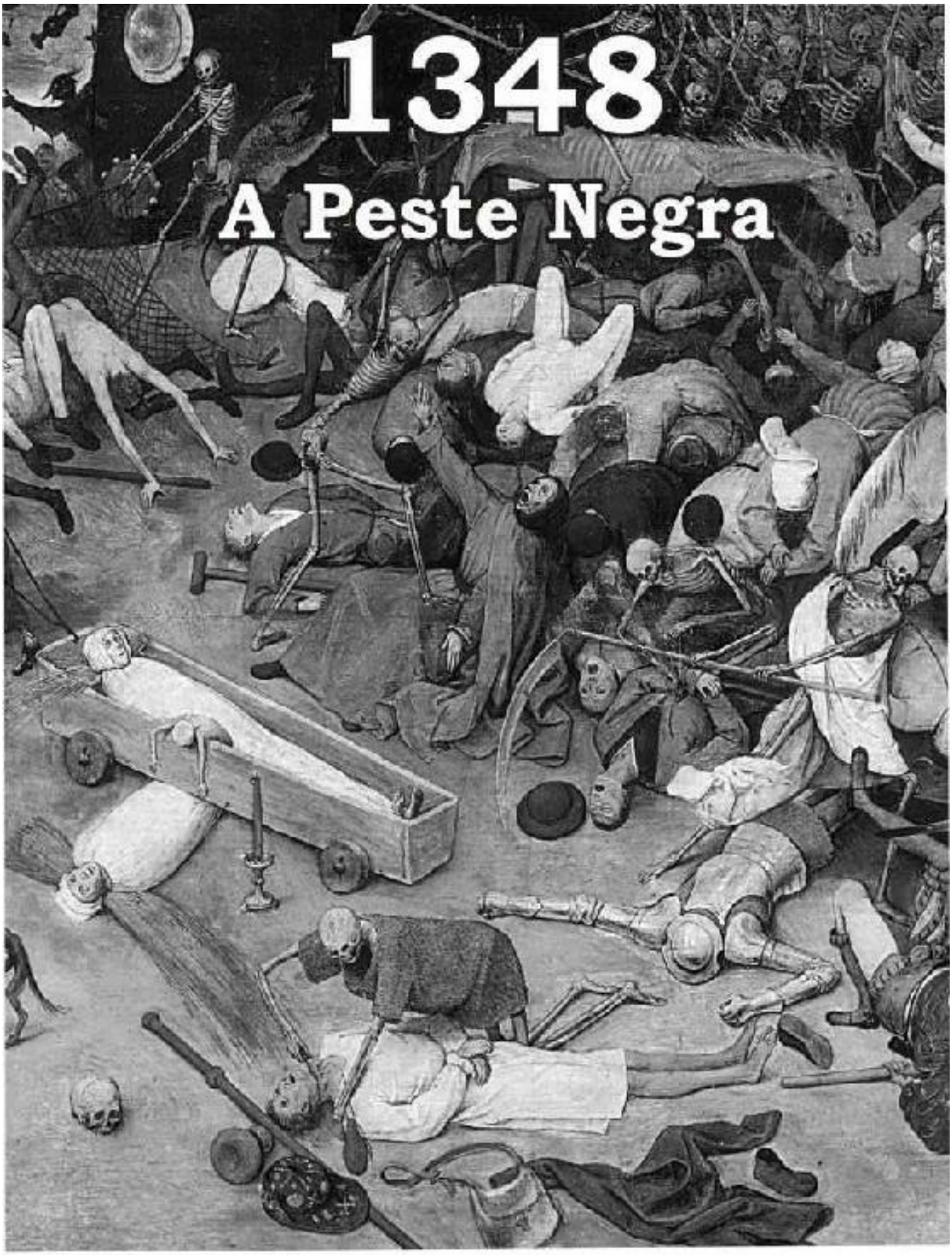
1348

A Peste Negra

José Martino



Detalhe da pintura "The Triunph of Death"
de Pieter Bruegel, o velho.

José Martino

1348

A Peste Negra

Excalibur Editora
2017

Todos os direitos autorais desta obra pertencem ao autor,
sendo ele o único que pode comercializá-la,
tanto em mídia impressa, quanto digital (e-book).
Qualquer infração nesse sentido poderá acarretar penas legais.

Ilustração da capa:
Detalhe da pintura “The Triunph of Death”
d e Pieter Bruegel, o velho.

Publicado por Excalibur Editora 2017

Copyright José Antonio Martino

O autor permite a reprodução parcial
deste livro para fins de divulgação,
desde que sejam dados os créditos da autoria.

Todos os direitos reservados

Obra registrada na
Fundação Biblioteca Nacional

1348 - A Peste Negra
Autor: José Martino

Contato com o autor:
timmarvim@ig.com.br

ÍNDICE

Introdução
Nobres glutões e pobres famintos
Família, casamento e filhos
Higiene não era o forte
A casa medieval
Cidades imundas
A mulher na Idade Média
A medicina apavorante
A morte
Fé e religião
A peste negra
Como se dá a transmissão da peste?
Doentes
O que as pessoas faziam para evitar a peste
Os culpados pela peste
Sepultamento dos defuntos
A Grande Fome de 1315
A Guerra dos Cem Anos
De onde veio a peste?
A peste chega à Europa
A peste em Gênova
A peste em Veneza
A peste em Florença
Boccaccio e Petrarca

A peste em Roma e Siena
A peste na França
A sede do papado em Avignon
A peste na Inglaterra
A peste em outros países
Os flagelantes
Dois casos à parte: Milão e Nuremberg
Afinal, quantos morreram?
Fim da peste
Bibliografia

Introdução

Embora a Peste Negra tenha sido um dos eventos mais terríveis na história da humanidade, ela continua pouco conhecida do grande público. Em língua portuguesa, o material disponível é bastante escasso e a maioria dos livros de história geral dedica ao tema pouco mais do que um ou dois parágrafos. Mesmo as obras que estudam especificamente a Idade Média, acabam resvalando apenas de passagem sobre o assunto e, quase sempre, repetem as mesmas informações, muitas vezes errôneas, que vão se perpetuando como verdade na mente do leigo. No Brasil, a situação se apresenta ainda mais crítica e os estudos sérios escasseiam nas prateleiras das bibliotecas.

Este livro é uma tentativa de suprir esta inexplicável lacuna. Trata-se de uma introdução à história da peste negra na Europa, onde o leitor fará uma viagem no tempo para descobrir como homens e mulheres do século XIV se mobilizaram para superar tamanha catástrofe que desabou sobre eles. Não só grande parte das pessoas, mas a própria igreja, via a chegada da peste como um castigo divino que Deus havia lançado sobre seus filhos por causa do excesso de pecados.

Escolhi o ano de 1348 para dar título ao livro, porque o auge da crise epidêmica, ou melhor, da pandemia, ocorreu neste momento específico, quando a doença se espalhou pelas principais cidades europeias, como Gênova, Florença, Veneza, Paris, Avignon, Marselha e Londres. Citei o termo pandemia e é necessário diferenciá-lo de epidemia. Diz-se pandemia, quando o surto de uma doença epidêmica toma dimensões catastróficas. Por três vezes, ela tornou-se uma pandemia na história da humanidade. A primeira vez foi no século VI (entre 541 e 544) e ficou conhecida como a Peste de Justiniano. Depois, no século XIV, a mais terrível de todas, a peste negra. Finalmente, nos anos de 1890, 1891, quando a peste fez terríveis estragos na China e na Índia.

A peste negra é considerada a maior pandemia de todos os tempos e uma das principais catástrofes que já se abateu sobre a humanidade. Tendo se originado na Ásia Central, ela chegou ao Ocidente no ano de 1347 e, durante quatro anos, dizimou milhões de pessoas por toda a Europa.

É muito difícil compreender a peste, sem conhecer o contexto

histórico em que ela ocorreu e a maneira como viviam os habitantes da Europa. Por muito tempo, o estudo da história que nos foi dado dizia respeito quase que, exclusivamente, aos grandes feitos dos reis e imperadores, às grandes batalhas, aos movimentos religiosos. Os historiadores tradicionais não se preocupavam em descrever a vida cotidiana das pessoas comuns, como viviam a gente do povo, homens e mulheres simples, sempre encarados como personagens secundários. Nos últimos anos, porém, surgiu uma nova historiografia, que tem se dedicado a estudar como era o dia a dia das pessoas em cada época. Assim, entraram em cena novos atores no palco da história: os pobres, os marginais, as mulheres, as crianças, descritos como realmente viveram em seu tempo.

Sob este ponto de vista, optei por dar um panorama geral a respeito da vida cotidiana do homem medievo, para contextualizar melhor a peste negra, oferecendo uma visão um pouco mais abrangente sobre o assunto.

Por convenção, os historiadores resolveram dividir a Idade Média em dois períodos distintos, a Alta Idade Média, que se estende do século V ao século X e a Baixa Idade Média, que se inicia no século XI e vai até o século XV. Evidentemente, este estudo da peste negra abordará os aspectos da vida cotidiana que dizem respeito ao segundo período, quando os métodos de cultivo foram aprimorados e, segundo o historiador Georges Duby, houve uma revolução agrícola iniciada nesta época, que irá se prolongar até os princípios do século XIV. Com a lavoura produzindo mais, realizavam-se melhores colheitas e as pessoas passaram a comer melhor. Em consequência disso, houve um grande aumento populacional. Em apenas trezentos anos, a população europeia triplicou, passando de 25 milhões no ano 950 para cerca de 75 milhões em 1250. Mesmo assim, ainda era uma população muito pequena, se comparada aos dias de hoje. A grande maioria das pessoas vivia em aldeias e diminutos povoados, separados uns dos outros por enormes espaços vazios. Só para se ter uma ideia, no início do século XIV, pouco antes da peste negra chegar à Europa, a França era o país mais populoso do continente, com cerca de vinte milhões de pessoas. A Inglaterra, que também sofreu bastante com a pandemia, possuía em torno de seis milhões de habitantes.

No sistema feudal que vigorou durante a Idade Média, todas as terras pertenciam ao rei. Porém, como ele não podia cultivá-las ou defendê-las sozinho, concedia grandes extensões aos nobres, que se comprometiam a ajudá-lo a defendê-las em caso de invasão inimiga. Por sua vez, os nobres

concediam parte das terras recebidas aos cavaleiros, os quais ficavam obrigados a ir para a guerra no lugar deles, se fosse necessário. Ambos cediam pequenas porções de terras para o povo, que trabalhavam para seus suseranos durante alguns dias da semana, em troca de ali morarem e retirarem o seu sustento. A maior parte dos homens dedicava-se à agricultura. O trabalho não era fácil, pois as ferramentas eram precárias e o clima, inconstante. Em geral, o camponês semeava a terra nos dias frios e curtos do inverno, para fazer a colheita no verão, quando se reuniam todos os homens e mulheres da aldeia.

Durante a Idade Média, a sociedade apresentava-se dividida em classes e era muito difícil as pessoas conseguirem ascender socialmente. Quem nascesse camponês, assim permaneceria para o resto da existência. Cada um vinha ao mundo em determinada classe social, de acordo com os desígnios de Deus e ninguém questionava isso. Mesmo porque, se questionassem a vontade divina, poderiam ser punidos em público para dar o exemplo e mostrar, a toda gente, o que acontecia com quem se desviava do caminho reto. Quase sempre, o indivíduo apenas subia na pirâmide social se fosse sagrado cavaleiro ou entrasse para a vida religiosa. As pessoas também não costumavam mudar de cidade e, o mais das vezes, permaneciam na mesma localidade em que nasceram por toda a vida.

Nobres glutões e pobres famintos

Já se disse que, durante a Baixa Idade Média, houve uma melhoria nos meios de produção agrícola e a terra passou a produzir mais. Contudo, o número de bocas para se alimentar triplicou em apenas trezentos anos, de maneira que a fome foi sempre um fantasma a assombrar o homem medieval. Se a terra não produzia tanto quanto se desejava, os camponeses eram solidários e repartiam com os vizinhos o que conseguiam colher em suas plantações. Os mais pobres viviam esquálidos e, muitas vezes, passavam fome. Comiam sempre a mesma coisa todos os dias, ou seja, uma sopa de ervilha, feijão ou legumes, além de uma espécie de pão, duro e escuro, que podia ter em seu miolo um pouco de areia das pedras que moíam os cereais. Na alimentação do homem medieval, o pão possuía um lugar de destaque, tanto que se encontra na própria oração do “Pai Nosso”, que todos rezam, encomendando suas preces a Deus. As pessoas cultivavam trigo, aveia, cevada, centeio e criavam galinhas, porcos e abelhas nos quintais. Queijo e

ovos também podiam ser encontrados nas mesas dos menos abonados e até carne, principalmente de caça pequena como de coelho. Em dias de festa, comiam carne de carneiro ou de veado. Na maioria das vezes, os mais pobres preparavam a carne cozida em panelas de barro ou caldeirões de ferro na própria lareira. Para beber, estavam acostumados com um tipo de cerveja fraca ou ainda tomavam uma bebida muito comum no tempo, o aguapé, uma espécie de vinho misturado com água.

Já as famílias abonadas faziam suas refeições em grandes mesas, servidas de maneira cerimoniosa por pajens. Havia muito cozido, assados e doces, como pudins. Evidentemente, a refeição deles não era saudável, pois comiam muita carne gordurosa. Os nobres gostavam de caçar a carne que iriam comer e costumavam prepará-la grelhada. A carne era cara e comê-la em abundância era sinal de prestígio. Em vez de cerveja, os mais afortunados preferiam beber vinho. Bebiam também sidra e suco de pera fermentado.

Alguns tratados médicos prescreviam regimes alimentares diferentes para os pobres, *pauperes*, e os mais ricos, *potentes*. A ingestão de alimentos grosseiros, como sopas pesadas, provocaria indigestões na nobreza, enquanto os pobres, com seus estômagos rudes, não se dariam bem com alimentos mais refinados. Dizia-se que os *potentes* se adaptariam melhor aos alimentos que davam no alto das árvores ou no céu, como os pássaros, pois eram considerados mais nobres. Já aos *pauperes*, caberia aquilo que estivesse no solo ou debaixo dele, por se tratar de alimentos menos dignos.

Numa sociedade constantemente afligida pela fome, comer muito era símbolo de status e poder. Quem podia, costumava se empanturrar e até os reis comilões eram melhores vistos pelos seus súditos. Liutprando de Cremona narra o caso ocorrido ao Duque de Espoleto, a quem foi recusado a coroa de rei dos francos, porque comia muito pouco. Curiosamente, isto vem de encontro aos valores pregados pela igreja, sobretudo aos hábitos monásticos, que recomendavam a moderação e o jejum.

Um dos pratos principais na mesa do homem medieval eram os porcos, que se alimentavam nos bosques localizados próximos das cidades. Sobretudo, comiam o fruto dos carvalhos, que era uma árvore muito abundante na Europa durante a Idade Média. Costumava-se avaliar a importância de um bosque de acordo com a quantidade de porcos que ele poderia sustentar. Os peixes também são outra fonte tradicional de alimentos, presentes na mesa não só dos ricos, como do clero e até mesmo de pessoas mais modestas. As casas são cercadas por pomares e o consumo de frutas é amplo. Como o açúcar é

raro e caro, emprega-se o mel para adoçar a comida.

Nas cidades, grande parte das pessoas recorria aos mercados para adquirir seus alimentos. Estes costumavam vender produtos variados e de qualidade. Já os camponeses contavam quase sempre com o que conseguiam produzir em seus domínios. Quando alguma fatalidade quebrava a safra e os alimentos tornavam-se escassos, os habitantes da cidade acabavam sofrendo mais do que os camponeses, pois, muitas vezes, não teriam como pagar os altos preços cobrados pelos mercadores. Já os camponeses, viravam-se com o que produziam em suas hortas.

Os citadinos comiam mais carne que os camponeses. Em algumas aldeias, comiam carne bovina, enquanto que, em outras, utilizavam os bois apenas como instrumento de trabalho. Na cidade, comia-se pão de trigo, enquanto os camponeses comiam pão preto, feito com cereais inferiores.

Talheres são escassos e garfos não existiam. Quase sempre, as pessoas trinchavam a carne com facas que traziam de casa, a mesma que servia para limpar as unhas e arrancar verrugas. Como os alimentos se deterioravam com facilidade, quem podia empregava especiarias em profusão para disfarçar o gosto de alimentos que, muitas vezes, já se encontravam em vias de se acharem estragados. Usava-se pimenta, canela, gengibre, cravo-da-índia para acompanhar pratos como carnes, peixes, sopas e na preparação de molhos. As especiarias eram muito caras e sinônimo de abastança, privilégio dos mais ricos.

A rotina diária de um comerciante citadino, relativamente abastado, era a seguinte. Logo após acordar, ele fazia suas orações diárias. Em seguida, comia um pedaço de pão, bebia vinho e saía para a rua. Seus negócios o levavam ao mercado, onde negociava mercadorias que venderia na sua loja. Por volta das dez horas, regressava para sua casa a fim de almoçar. Quem tinha condições financeiras, comia muito, e os pratos variavam desde assados, pastéis, tortas a caldos e legumes. O jantar acontecia às seis horas da tarde e ele ia se deitar lá pelas nove horas da noite, em camas quentes, com lençóis brancos e cobertos por cobertores.

Com relação aos pesos e medidas, as leis são rígidas e a punição severa. Se um padeiro vendesse pão abaixo do peso ou envelhecido, ele poderia ser amarrado numa espécie de estrado e arrastado pelas ruas por um cavalo, a fim de que a população zombasse dele.

Família, casamento e filhos

Durante a Idade Média, a família constituía-se em um núcleo social muito importante. Normalmente, uma casa medieval abrigava apenas duas gerações, ou seja, os pais e os filhos até a idade deles constituírem suas próprias famílias. Dificilmente, filhos adultos moravam com os pais e, tão logo eles se casavam, iam procurar uma nova residência para habitar.

O casamento era considerado algo muito importante na Idade Média e ficar solteiro era visto por toda coletividade como uma verdadeira desgraça. Aos doze anos, as meninas já se encontravam aptas para contrair núpcias, enquanto que os meninos podiam se casar aos quatorze anos, idade em que já eram considerados adultos. Na verdade, acreditava-se que as crianças não passavam de adultos em miniaturas, imperfeitos e, ao contrário dos dias de hoje, muitos pais viam seus filhos com certa indiferença.

Nas famílias com poucos recursos, era a própria mãe quem cuidava dos filhos. Já os nobres, por sua vez, podiam pagar amas de leite para amamentar os bebês, uma vez que a maioria das mães de certa posição social se recusava a dar o seio para os pequenos. Além do mais, possuíam criadas para tomar conta das crianças.

Até os sete anos, pouco mais ou menos, os meninos e meninas passavam o tempo brincando. Nesta idade, se fosse nobre, ele seria enviado para os cuidados de um mestre, que lhe ensinaria caçar, manejar armas e montar cavalos, a fim de se tornar um cavaleiro. Se não fosse o primogênito, também poderia ser enviado para um mosteiro, onde iria se dedicar a uma vida religiosa. Em alguns casos, seus pais contratariam um professor para lhes ensinar as primeiras letras, quando não decidissem internar as crianças em escolas clericais.

Por sua vez, os filhos dos camponeses acompanhavam os pais no campo, trabalhando desde cedo na lavoura. Caso o menino fosse filho de artífice, frequentaria a oficina paterna, onde aprenderia os rudimentos da profissão; mais tarde, seria encaminhado para servir como aprendiz com algum mestre.

Higiene não era o forte

Os homens e mulheres da Baixa Idade Média, que viviam em pequenas aldeias e no campo, não tinham o hábito de se banharem amiúde. Mesmo entre a nobreza, este costume não se impunha. Conta-se que o rei da Inglaterra,

Eduardo III, escandalizou os seus súditos, quando decidiu tomar três banhos em apenas três meses. Diziam que a prática de lavar-se abria os poros e isto prejudicaria o indivíduo, pois as doenças penetrariam no corpo saudável através dos poros abertos. Além do mais, a igreja pregava que as pessoas não deveriam se banhar, pois o toque do corpo era visto como algo pecaminoso. O próprio São Bento ensinava que os banhos não deveriam ser admitidos às pessoas que gozavam de boa saúde, sobretudo, se elas fossem jovens. Segundo a tradição, Santa Inês levou tal recomendação ao pé da letra e jamais tomou um banho em toda sua vida. São Francisco de Assis também era outro que não costumava se lavar e permanecia meses com as mesmas vestes, que também não eram lavadas. Aliás, este costume de não trocar de roupa era prática comum. A maioria da população possuía poucas vestes, um ou dois pares de roupas e alguma peça íntima. Quase sempre, os camponeses vestiam-se com roupas encardidas de lã, ou uma espécie de linho rústico, feitas para durarem por muito tempo, usando-as até encontrarem-se rotas e maltrapilhas. Durante a Idade Média, as roupas serviam não somente para cobrir os corpos e aquecer as pessoas, mas também demonstravam certa posição social. Um homem comum vestia-se com túnica, culote, capuz e manto. Já as mulheres trajavam-se com saia longa, avental, lenço na cabeça e manto. As damas da nobreza possuíam chapéus exóticos e enormes. Tanto homens, quanto mulheres, usavam meias e calções. Um hábito muito difundido da Idade Média é que as pessoas costumavam dormir sem roupas, o que deve ter facilitado o trabalho das pulgas para a transmissão da peste negra. De resto, como elas quase não trocavam de roupas e muito menos as lavavam, as pulgas deveriam ser companheiras habituais de toda gente. Hoje, admite-se que não só a *Xenopsylla cheopis*, a pulga do rato-preto, bem como a *Pulex irritans*, a pulga do homem, tenham sido agentes transmissores da peste negra.

Nas cidades grandes, porém, a situação era um pouco diferente. Em muitas delas, persistia a tradição dos banhos públicos existentes na Roma antiga e alguns historiadores afirmam que esta prática foi mais comum do que se imagina. Em algumas casas, foram encontradas tinas, o que indica que certos indivíduos procuravam se lavar de vez em quando. Mas o mais comum mesmo eram as pessoas se dirigirem para os banhos públicos, locais de distração e convivência social. Nestes recintos, tradicionalmente chamados de "estufas", havia três tipos diferentes de banhos, a saber: uma sala com piscina de água morna, outra com banho a vapor e uma terceira para banhos tradicionais. Eram locais onde as pessoas se encontravam com os amigos após

um estafante dia de trabalho, relaxavam e se divertiam. Durante o período da peste negra, apenas na cidade de Bruges, consta que existiam cerca de quarenta estufas funcionando todos os dias, exceto domingos e dias santificados. Inclusive, estas estufas abriam em alguns dias especiais para o acesso de judeus e prostitutas, a fim de que eles não se misturassem com os cristãos. Fato curioso é que homens e mulheres banhavam-se juntos, todos nus, o que acabava provocando certas indecências, constantemente denunciadas pela igreja.

A casa medieval

Para a construção de suas casas, os homens da Idade Média empregavam materiais que encontravam nas imediações da obra. Em geral, as casas dos camponeses eram feitas de madeira, com telhados de palha e chão de terra batida. O grande problema dessas habitações é que elas pegavam fogo com muita facilidade e, normalmente, o incêndio se propagava de uma moradia para outra, aterrorizando populações inteiras. Também se construíam as casas de sapé. Tratava-se de residências simples, muitas vezes com apenas um cômodo, as paredes feitas com uma treliça de junco ou ramos secos trançados, enchidas com barro socado. Como se pode imaginar, não eram muito firmes e, certa feita, segundo um cronista da época, um camponês morreu dentro de sua choupana enquanto se alimentava, pois uma lança perdida perfurou a parede e lhe atravessou o coração.

A construção destas casas de sapé era bem simples. Primeiro, os carpinteiros cortavam troncos grossos que serviriam de viga e dariam sustentação à residência. Esta estrutura precisava ser bem reforçada, para a moradia não desmoronar e, por isso, empregavam de preferência o carvalho. Depois, as paredes eram preenchidas com varas trançadas e recobertas com uma combinação de barro misturado com palha. Em seguida, construía-se o telhado, que podia ser feito com feixe de junco, colhido nas margens dos rios, ou mesmo de palha. Como não colocavam nenhum revestimento sobre o piso, apenas socava-se o chão para a terra ficar batida e bem homogênea. No meio da casa, para não incendiá-la, costumava-se colocar uma lareira que, muitas vezes, não passava de algumas pedras sobre as quais se punham as panelas para cozinhar a comida. Como não havia chaminé, a fumaça saía por onde dava, geralmente, pelas frinchas das palhas no telhado. Esta lareira servia não só para esquentar a comida, mas também a própria casa nos dias frios.

A partir do século XIII, muitas residências começaram a ser edificadas com pedras. Estas eram retiradas de pedreiras e levadas em carroças até o canteiro de obras, onde eram entalhadas no formato necessário. Como se tratava de um material mais caro, apenas os nobres, senhores feudais e alguns comerciantes abonados podiam pagar. Para cobri-las, não empregavam mais palha, mas telhas de barro, que protegiam melhor o interior da moradia. Em certos casos, as paredes podiam ser rebocadas com uma espécie de cimento medieval, feito com cal, areia e água. Alguns chegavam mesmo a pintá-las e colocar vidros nas janelas, o que era considerado um luxo, por ser raro e caro.

Quase todas as residências medievais eram geladas, úmidas, escuras, cheias de fumaça, muitas vezes fedorenta, e com todo tipo de inseto proliferando em seu interior. Os caibros do telhado ficavam aparentes, por onde corriam ratos e, até mesmo, se penduravam morcegos. A casa dos pobres não possuía banheiro. Para se aliviar, eles utilizavam baldes ou, o que era mais prático, faziam suas necessidades atrás das moitas. Já algumas moradias dos nobres e abastados contavam com latrinas, que eles chamavam de "guarda-roupa", porque o cheiro infecto espantava as traças das roupas. Na verdade, correspondia a um assento sobre um buraco, que se localizava por cima de uma fossa.

Mesmo nas residências dos mais ricos, há pouco mobiliário na casa medieval. Podem ser encontrados mesas, cadeiras, banquetes, arcas, estantes, armários e aparadores. Geralmente, a cama é o móvel mais caro da morada, embora, muitas vezes, não passe de uma tábua, onde se coloca por cima um colchão de palha, que pinica o infeliz a noite inteira. A nobreza dorme sobre colchão feito de penas; em ambos, porém, abundam as pulgas, responsáveis pela transmissão da peste negra. Para demonstrar prestígio, comerciantes enriquecidos procuram decorar suas casas com objetos luxuosos vindos do Oriente, como vasos finos e tapetes de qualidade. Por sua vez, as pessoas comuns utilizam esteiras de palha, colocadas diretamente sobre o chão de terra batida. Utensílios de ferro são poucos e a maioria é confeccionada em madeira. Para iluminar a residência, as velas de cera de abelhas são as preferidas, pois emitem pouca fumaça e quase nenhum odor. Todavia, são mais caras que a lamparina a óleo, que emite pouca luminosidade, e a vela de gordura animal, que esparge no ar um cheiro nauseabundo. Em função disso, as velas de cera acabam permanecendo restritas às igrejas e aos castelos dos nobres.

Cidades imundas

Ao longo de toda a Alta Idade Média, a população europeia viveu quase que exclusivamente no campo. Após o ano mil, com o aumento populacional e o renascimento do comércio, as pessoas começaram a se agrupar em cidades, de maneira que se operou um processo de reurbanização no continente. As cidades passaram a se organizar e prosperaram. Quase sempre, uma aldeia começava a surgir em torno de uma pequena igreja, tendo a sua volta muito campo para pastos e cultivo, de onde o homem medieval retirava grande parte do seu sustento, além de bosques e florestas, habitat natural de inúmeros animais, como lobos, javalis e até mesmo ursos. Por volta do século XIV, quando a peste negra chegou à Europa, as cidades não eram muito populosas e a maioria não passava de aldeias com mais de mil habitantes. Quando elas alcançavam uma população de vinte mil pessoas, já eram consideradas cidades importantes. Nessa época, pouquíssimas cidades contavam com cinquenta mil moradores ou mais, como Gênova, Florença, Veneza, Paris e Londres.

A cidade era o espaço apropriado ao comércio. Antes de tudo, tratava-se de um ambiente de produção artesanal e de trocas, onde artesãos e mercadores são seus principais protagonistas. Normalmente, um comerciante abria seu negócio no andar de baixo de sua própria casa, embora a maior parte do comércio localizava-se nas ruas principais, para onde se dirigia toda gente, como vendedores ambulantes a mascatear seus produtos e mendigos a suplicar auxílio em nome de Deus. Aliás, a cidade medieval abrigava muitos mendigos, além de outros elementos marginais, como vagabundos, prostitutas, sem-tetos, etc. À noite, como não havia iluminação pública, as ruas tornavam-se bastante perigosas e as pessoas evitavam sair de casa por causa dos bandidos. Se, por algum motivo, alguém precisasse sair de sua residência após ter escurecido, recomendava-se que fosse armado, carregando tochas e na companhia de um criado.

Com o tempo, a população das cidades passou a se agrupar em bairros de acordo com a sua estratificação social. Havia o bairro dos mais abastados, o bairro dos judeus, bairros específicos para estrangeiros e, como não podia deixar de ser, o bairro dos mais pobres.

Todas as cidades possuíam grandes muralhas para se defender dos inimigos e, muitas vezes, existia também um fosso ao redor dos muros. Se por

um lado elas serviam como proteção aos moradores, por outro provocavam um grande problema, pois limitava o espaço físico, onde a população viveria. As casas amontoavam-se desordenadamente umas sobre as outras e, para ganhar espaço, os construtores iam edificando residências de três, quatro e até mesmo cinco andares, que se projetavam sobre as ruas, de maneira que os raios solares dificilmente alcançavam o chão. Quando acontecia da cidade crescer muito, a muralha era destruída para que novas ruas fossem abertas e, consequentemente, a construção de mais edifícios. Com isso, os muros eram levantados de novo em outro lugar, o que acarretava onerosos tributos à população.

As ruas da cidade medieval eram estreitas e sinuosas, normalmente medindo entre um metro e oitenta centímetros a três metros de um lado ao outro. Havia leis que estabeleciam a largura mínima de uma rua. Algumas cidades estipulavam que uma rua deveria ter espaço suficiente para passar um cavaleiro montado em seu cavalo, segurando uma lança atravessada na diagonal. Nem sempre, porém, isto era respeitado. Havia valas no meio das ruas, que funcionavam como esgotos para escoar as águas das chuvas e outros detritos. Devido a seus sistemas sanitários primitivos, as cidades medievais, sujas, insalubres, apinhadas de pessoas, sem esgotos, eram centros incubadores de doenças como tifo, febre tifóide e gripes. Quando a peste negra adentrou nestas cidades, encontrou o ambiente propício para a sua propagação, devido à falta de higiene pública.

As ruas da cidade medieval viviam repletas de imundícies. O lixo e detritos fecais acumulavam-se por toda parte, exalando um odor nauseabundo, a que o homem medieval estava bastante acostumado. Ninguém parecia se importar com a sujeira que grassava pelas ruas e se acumulavam na porta da casa das pessoas, para o regalo de cães, porcos e ratos, que se refestelavam em meio aos monturos de porcarias. Montes de fezes humanas e de animais permaneciam à vista de toda gente, até serem arrastados pelas águas da chuva. Era tanto excremento, que algumas cidades da França passaram a denominar suas ruas em função das fezes ali existentes. Havia a Rue Merdeux, a Rue Merdelet, a Rue Merdusson, a Rue des Merdons e a Rue Merdière. Além disso, os açougueiros costumavam matar os animais a céu aberto, deixando escorrer o sangue pelo chão, onde permaneciam poças empapadas a juntar moscas. Os próprios barbeiros, que faziam a sangria de seus clientes, não se importavam de lançar o sangue deles diante de sua loja. Evidentemente, a falta de higiene das ruas ajudava a aumentar a quantidade de ratos na cidade, o que

ajudou muito a peste negra a se propagar de forma tão violenta.

Caminhar pelas ruas era um perigo. O indivíduo não só tinha que desviar das imundícies debaixo, como precisava ficar atento contra aquelas que vinham de cima. Era muito comum as pessoas lançarem de suas janelas as águas servidas repletas de excrementos. Como não existiam banheiros, toda gente atirava a sujeira de seus penicos na rua. Durante a madrugada inteira, podia se ouvir alguém gritando em algum canto da cidade: "Cuidado aí embaixo". O sujeito que estivesse passando no local, que procurasse ligeiro um abrigo para se esconder, pois corria o risco de tomar um banho com dejetos fecais.

A mulher na Idade Média

Segundo Georges Duby, a Idade Média foi um tempo dominado pelos homens. As mulheres que saíam às ruas desacompanhadas ou eram loucas ou prostitutas. As moças solteiras quase não eram vistas pelas vias e viviam bem trancadas dentro de casa. Porém, quando não estavam sendo vigiadas, iam se pendurar à janela, para observar os rapazes e serem vistas por eles. Já a mulher casada possuía certa liberdade e podia sair de casa acompanhada.

O homem medieval considerava a mulher como sendo um ser inferior. Uma das principais virtudes femininas do tempo era a obediência, ou seja, as mulheres bem vistas socialmente eram aquelas que obedeciam aos homens. Para mantê-las na linha, melhor que não soubessem escrever, pois, dessa forma, não teriam como se corresponder com seus amantes. Também eram prendas desejadas não serem muito faladeiras e, tampouco, ambiciosas. Antes de tudo, deveriam ser recatadas, educadas e comportadas. Esperava-se que rissem pouco e de modo discreto, além de se vestirem de maneira respeitosa.

Na verdade, o grande objetivo da vida das mulheres é casar. Desde muito pequena, seus pais já estão pensando em arrumar para ela um bom partido e, em alguns casos, meninas de sete anos já se encontram comprometidas. As jovens recebiam educação para que se tornassem boas esposas e donas de casa. Ensinavam-lhes a fiar, tecer, bordar e cozinhar. Caso pertencessem a uma classe social elevada, poderiam aprender a ler e fazer contas. As moças pobres, como se disse, ficavam na ignorância. Às vezes, jovens abastadas eram mandadas para conventos, onde aprenderiam lições de canto e música.

Durante o século XIV, a mulher não levava uma vida fácil. Segundo as

leis do tempo, os maridos até podiam espancar suas esposas, caso existisse algum motivo evidente para isso. O próprio São Tomás de Aquino dizia que as mulheres deveriam se submeter aos homens, uma vez que eram mais fracas não só fisicamente, como também intelectualmente. De acordo com sua ótica, os filhos deveriam amar mais os pais do que as mães.

E a mulher do povo tinha muito trabalho para fazer e não parava um minuto com a lida doméstica, sem dizer que ainda costumava ajudar o pai ou o marido nas oficinas. Cabia à mulher cultivar a horta e tratar dos animais, como vacas, cabras e galinhas. Além disso, deveria prover a alimentação dos familiares. Não só vai aos bosques apanhar lenha que ela racha para abastecer o fogão e esquentar a casa, como também vai apanhar a água no poço da aldeia. Logo cedo, ela acende o fogo para assar o pão e cozinhar a sopa. Depois, enrola o colchão de palha e varre o chão da choupana. Durante alguns dias da semana, ela é obrigada a cultivar a horta do seu senhor. É ela quem ordenha as vacas e recolhe os ovos das galinhas. Se for o caso, também cuida das crianças e dos idosos. Aos domingos, vai à missa e acompanha procissões. De vez em quando, dirige-se ao mercado para vender os produtos que sua família não consegue consumir, como leite, ovos, frutas e verduras. Algumas mulheres também participavam do comércio, sobretudo viúvas, que continuaram os negócios dos maridos. Vendem carne, peixes, pães, bolos e até a cerveja que fabricam. Depois de tudo isso, se sobrar tempo, ela senta-se junto à roca para fiar lã. No que diz respeito à mulher nobre, sua principal missão é gerar um filho homem, para que ele herde as terras do senhor.

O modelo de beleza da mulher medieval era ser branca e ter a pele rosada, mãos pequenas, olhos negros e ser loira. As que possuíam cabelos escuros tratavam de os aloirar. Para tanto, acreditavam que expô-los ao sol ou lavá-los com mel ajudava no processo. Todavia, se permanecessem muito tempo expostas ao sol, acabariam ficando com a pele morena e isto é que elas não desejavam. Como podiam resolver este impasse? Algum chapeleiro criativo inventou um amplo chapelão com um furo no meio, onde se encaixava a longa cabeleira, que ficava espalhada sobre a aba do chapéu. Dessa forma, as jovens podiam expor seus cabelos ao sol, sem correrem o risco de ficarem bronzeadas.

Outro índice de beleza muito valorizado era possuir a testa alta. As testudas eram as moças preferidas e as mais disputadas entre os mancebos galantes do tempo. Se a pobre tivesse a infelicidade de ter nascido com a testa baixa, ela poderia lançar mão de alguns artifícios para disfarçar seu problema,

como arrancar as sobrancelhas ou depilar os cabelos no alto da testa. Portanto, para o homem da Idade Média, a mulher fatal deveria ser loira, branquela e testuda.

Com a chegada da peste, a condição social da mulher mudou. Como a mão-de-obra masculina passou a escassear em todas as atividades, elas começaram a ocupar postos que, anteriormente, cabia apenas aos homens. Houve mesmo casos de mulheres se reunindo em guildas femininas. Curiosamente, a peste negra matou mais mulheres do que homens, talvez porque elas ficassem mais tempo dentro de casa, onde o risco de contaminação era maior. Segundo Boccaccio, contemporâneo da peste negra, muitas mulheres mudaram seu comportamento por causa da pandemia e deixaram de se envergonhar diante de estranhos:

"Pelo fato de serem os enfermos abandonados pelos vizinhos, pelos parentes e amigos, tanto quanto pela circunstância de escassearem os criados, apareceu um hábito talvez nunca praticado antes. O hábito foi que nenhuma mulher, por mais pudica, bela e nobre que fosse, se sentia incomodada por ter a seu serviço, caso adoecesse, um homem, ainda que desconhecido; não importava que tipo de homem, jovem ou não. A ele, sem nenhum pudor, ela mostrava qualquer parte do próprio corpo, do mesmo modo que exporia a outra mulher, quando a necessidade de sua enfermidade o exigisse. Para as mulheres que escaparam com vida, isto foi, quiçá, motivo de deslizes e de desonestidades, no período que se seguiu à peste."

A medicina apavorante

A medicina medieval dava calafrios. Mesmo durante o século XIII, quando começaram a surgir as primeiras universidades, a ciência médica mostrava-se bastante atrasada e muitos procedimentos remontavam a mais de mil e setecentos anos, quando Hipócrates ainda clinicava. Na verdade, a medicina de então não passava de um misto de sabedoria popular, magia e superstição. A igreja proibia terminantemente que se fizessem dissecações em cadáveres humanos, de maneira que os estudantes das universidades eram obrigados a dissecar porcos para aprender como o corpo funcionava. Evidentemente, não era a mesma coisa. A ignorância mostrava-se brutal e os próprios lentes da universidade de Paris acreditavam que muitas doenças, como a peste negra, seriam causadas pelo mau alinhamento dos planetas.

A saúde da população era precária. Estima-se que mais da metade das crianças morriam antes de ter ultrapassado o período da infância. Além da medicina se encontrar muito atrasada, os doentes padeciam ainda mais, porque não existiam hospitais públicos. De modo geral, os pacientes eram tratados em enfermarias localizadas em edifícios monásticos, como mosteiros ou conventos, onde freiras piedosas procuravam curar os enfermos mais com boa vontade e oração do que qualquer outra coisa. Por isso, quem adoecia e começava a se sentir fraco, tratava logo de providenciar um testamento...

Os médicos costumavam dar seus diagnósticos examinando a urina dos pacientes e faziam isso com relativo êxito. Alguns haviam se especializado tanto nesta prática, que suas análises e conclusões deixavam seus interlocutores assombrados. Segundo consta, certa feita, o Duque da Baviera tentou enganar o seu médico, entregando-lhe a urina de sua criada grávida. Para espanto de todos, o físico afirmou que o duque, nos próximos dias, daria à luz um menino!

Para o tratamento de doenças, as pessoas recorriam muito às plantas e ervas, pois eram acessíveis a toda gente. Havia mesmo certa predileção pelo emprego de raízes, pois se dizia que elas continham os "poderes subterrâneos" do subsolo. Na maior parte das vezes, estes remédios à base de plantas eram comercializados por charlatães, na forma de unguentos milagrosos e pós para curar todos os males.

Quando a peste negra chegou à Europa em 1347, a medicina do tempo não sabia como lidar com a doença e os médicos existentes eram pouco úteis na maioria dos casos. Eles receitavam para os pacientes medicamentos absurdos, que hoje nos parecem por demais estranhos, como insólitas poções misturadas com pedaços picados de cobras. Na verdade, os médicos, que nas ilustrações medievais eram sempre representados vestindo uma túnica comprida, sem mangas, além de usar uma touca, quase nada podiam fazer pelos enfermos, a não ser observar os sintomas apresentados pelas pessoas infectadas e tentar esboçar alguma teoria a respeito da doença.

Durante o século XIV, toda a medicina se baseava nas ideias de Hipócrates, Galeno, Avicena e dos comentadores árabes. Eles conheciam doenças infecciosas, mas nenhum deles teve contato direto com a peste.

Segundo os médicos medievais, se um corpo se encontrava doente, era necessário recuperar-lhe a energia vital, pois eles acreditavam que esta correspondia ao agente responsável por manter a saúde de um indivíduo. Tal ideia era antiga e remontava à teoria dos humores, descrita por Galeno no

século III. De acordo com esta teoria, um corpo se achava saudável, quando todos os humores se encontravam equilibrados. Segundo Galeno, o corpo humano teria quatro humores, a saber, sangue, fleuma, biles amarela e biles negra. Cada um destes humores estava relacionado com uma parte do corpo. O sangue procedia do coração, a fleuma do cérebro, a biles amarela do fígado e a biles negra do baço. Tanto Galeno, quanto Avicena, atribuíam certas qualidades elementares aos humores. Portanto, o sangue era quente e úmido, como o ar; a fleuma era fria e úmida, como a água; a biles amarela era quente e seca, como o fogo; e a biles negra era fria e seca, como a terra. Dessa forma, o corpo humano correspondia a um microcosmo do mundo em geral. Se os humores de um indivíduo achavam-se equilibrados, ele estava saudável. A isto se chamava *eukrasia*. Quando os humores se desequilibravam, a pessoa ficava doente. A isto se chamava *dyskrasia*. Ao médico, cabia encontrar os meios que trouxessem de novo o equilíbrio dos humores ao corpo enfermo. Para tanto, um dos procedimentos preferidos dos cirurgiões era sangrar o infeliz, que permanecia se esvaindo em sangue até que o equilíbrio dos seus humores fosse recobrado.

A comunidade médica era composta por cinco categorias distintas, ou seja, médicos ou físicos, cirurgiões, cirurgiões-barbeiros, boticários e praticantes de medicina sem licença. No mais alto da pirâmide, ficavam os médicos. Eram sempre homens e correspondiam aos profissionais da medicina melhores preparados, pois tinham sido formados em universidades, como Paris e Montpellier. Seu número era escasso e possuíam bastante prestígio na sociedade. Muitos deles faziam parte do clero, pois a educação médica geralmente estava ligada com a igreja e era supervisionada por esta.

Os cirurgiões, que nem sempre se achavam habilitados por treinamento acadêmico, ocupavam um nível abaixo dos médicos. Na maioria das vezes, eram vistos como médicos de segunda categoria, quase como artesãos, que tinham habilidade apenas para fazer sangrias, operações, amputações e fechamento de feridas. Muitos deles não sabiam ler e seu conhecimento baseava-se simplesmente na experiência prática.

Os cirurgiões-barbeiros encontravam-se no terceiro nível da pirâmide e eram quase sempre analfabetos. Além de cortar cabelo e rapar a barba, alguns praticavam quase as mesmas coisas que os cirurgiões, mas a maioria só sabia fazer escarificações, aplicar cataplasmas, arrancar dentes e efetuar pequenas cirurgias, além de sangrar, deitar sanguessugas e realizar terapias com ventosas. Tinham menos conhecimento a respeito de infecções e práticas

sanitárias do que os cirurgiões. Não possuíam qualquer conhecimento de patologia, fisiologia ou epidemiologia e a grande vantagem sobre os médicos e os cirurgiões é que eles cobravam preços baixos por seus serviços.

Os boticários eram os farmacêuticos e dedicavam-se mais a fazer remédios, que receitavam aos doentes.

Por último, exerciam a medicina pessoas que não possuíam nenhuma preparação, além da prática, como curandeiros e charlatães. Encontravam-se mais nas zonas rurais e cobravam os menores preços de todos. Aprendiam o serviço no dia a dia, por acerto e erro. Alguns deles eram mulheres, inclusive velhas. Foram muito procurados pelo povo, embora, no século XIV, já existisse uma lei que os proibia de atender os pacientes, caso não tivessem uma licença.

Segundo Boccaccio, muita gente passou a exercer a medicina com o advento da peste:

"Nem conselho de médico, nem virtude de mezinha alguma parecia trazer cura ou proveito para o tratamento de tais doenças. Ao contrário. Fosse porque a natureza da doença não aceitava nada disso, fosse que a ignorância dos curandeiros não lhes indicasse de que ponto partir e, por isso mesmo, não se dava o remédio adequado. Tornara-se enorme a quantidade de curandeiros, assim como de cientistas. Contavam-se entre eles homens e mulheres que nunca haviam recebido uma lição de medicina. Assim como era certo que poucos se curavam, também é certo que, ao contrário desses, quase todos, após o terceiro dia dos sinais referidos acima, faleciam. Sucumbiam uns mais cedo, outros mais tarde; a maioria ia-se para o túmulo sem qualquer febre, nem outra complicação."

A morte

A morte não era encarada pelas pessoas como um fim, mas como uma passagem para outra vida, onde os bons e virtuosos gozariam a eternidade no paraíso, juntos dos anjos e santos, enquanto que os maus e pecadores sofreriam para sempre no fogo do inferno.

O homem medieval estava acostumado com a morte. Um quarto dos bebês morria ao nascer, enquanto que outro quarto das crianças falecia até o início da puberdade. Mesmo assim, havia crescimento populacional e os indivíduos que ultrapassavam este período acabavam se tornando bastante

resistentes. Durante muito tempo, acreditou-se que as pessoas que viveram ao longo da Idade Média morriam cedo e, dificilmente, ultrapassavam a casa dos quarenta anos. Esta teoria já foi abandonada pelos historiadores modernos e estudos recentes comprovaram a existência de numerosos anciãos na época da peste negra, pois foram encontrados diversos cemitérios com esqueletos de muitos idosos.

Na Idade Média, quando alguém se achava para morrer, era costume que se reunisse todos os parentes em torno do moribundo para que seu testamento fosse lido. Um testamento era algo indispensável, que todo enfermo grave precisava fazer. Quem não o fizesse, corria o risco de ser excomungado pela igreja. Antes do século XII, o desejo do doente era feito de maneira oral. A partir de então, convocava-se um sacerdote ou um tabelião para registrar por escrito a vontade do enfermo. Nos testamentos, indicava-se não apenas cada um dos bens que caberia a determinado parente, como também se informavam para quais obras seriam doadas esmolas. Em geral, o moribundo incluía hospitais, monges e pobres em seu testamento, a fim de que grande número de pessoas rezasse por sua alma. Ao sentir que estava para morrer, o sujeito mandava reunir seus familiares e amigos e pedia perdão a todos e a Deus pelas suas faltas. Então, rezava-se uma prece antiga, a *Commendatio Animae*, e um sacerdote ministrava-lhe a *absolutio*, fazendo sobre o enfermo o sinal-da-cruz e aspergindo-lhe água benta. Recomendava-se que o doente se deitasse de costas, com a face voltada para Leste. Segundo Philippe Ariès, quanto mais posses possuía um indivíduo, maior seria o número de sacerdotes, monges e pobres que acompanhariam o seu enterro.

Quase sempre, era responsabilidade das mulheres lavar e preparar o corpo dos defuntos, para que fossem pranteados durante a cerimônia dos funerais. Missas e celebrações regulares eram oferecidas para a alma dos falecidos, na esperança de que elas facilitassem a chegada dos entes amados ao paraíso. Quando os familiares não cumpriam tais obrigações, acreditava-se que os mortos poderiam retornar do além para atormentar e assombrar os vivos, embora a igreja não aceitasse estas crenças populares, alegando que tais aparições não passavam de sonhos demoníacos.

Normalmente, os enterros eram simples, rápidos e sem maiores cerimônias. Os mais abonados construíam seus túmulos com mármores e inúmeros cavaleiros compareciam a seus sepultamentos, vestindo as melhores roupas que possuíam. Por esse tempo, ainda não se costumava usar preto como símbolo do luto.

Na Idade Média, as pessoas desejavam ser enterradas *ad sanctos*, ou seja, o mais próximo da sepultura dos santos. Caso isso não fosse possível, servia ser sepultado nas proximidades de suas valiosas relíquias. Com isso, imaginava-se que as almas dos mortos receberiam a benevolência do santo em questão na vida eterna. Evidentemente, quanto mais rico fosse o sujeito, maiores eram as probabilidades dele ser vizinho de um santo nos túmulos das igrejas. Como não é difícil imaginar, os pobres acabavam sendo sepultados nos locais mais remotos e longes dos santos. Em virtude desta vontade de todos, as igrejas viviam com os chãos e as paredes forradas de defuntos. Com o tempo, por falta de espaço, os cadáveres já descarnados eram retirados de seu sepulcro e os metiam em ossuários, a fim de que novos sepultamentos pudessem ser realizados naquele lugar.

Fé e religião

O homem medieval dava muita importância para a vida eterna que lhe aguardava após a morte e a vida terrena era considerada apenas como um período transitório. Por isso, todos procuravam levar uma existência de acordo com os preceitos pregados pela igreja, ou seja, ser bom e justo, praticar a caridade, fazer o bem. Deus era o árbitro supremo e sua vontade, inquestionável. Se houvesse uma contenda entre duas pessoas, elas esperavam receber um sinal divino para ver com quem estava a razão. Da mesma forma, quando ocorria alguma calamidade, como a peste negra, acreditava-se que era Deus quem estava punindo os homens ou os provando. Para aplacar a sua cólera, as pessoas deviam jejuar, fazer penitências, orar e realizar atos de caridade. Muitos cometiam excessos e se flagelavam, imaginando que isso fosse agradar ao Criador. Às vezes, uma calamidade afligia certo povoado, provocando enorme fome entre os camponeses. Nestes casos, os grandes senhores feudais repartiam com todos os grãos armazenados em seus celeiros. Não porque fossem homens bons, mas por saber que tais gestos fariam deles homens melhores aos olhos de Deus.

Durante a Idade Média, praticamente todas as pessoas que viviam na Europa acreditavam em um Deus bom e misericordioso e na existência de um mundo após a morte, onde homens e mulheres desfrutariam os prazeres celestiais por terem sido virtuosos e realizado boas ações na terra ou permaneceriam o restante da eternidade queimando no fogo do inferno, em virtude de terem cometido muitos pecados em vida. Na mentalidade do homem

medieval, pessoa alguma estava livre de passar a eternidade no inferno, nem reis, príncipes, sacerdotes ou papas. Por isso, todos deviam seguir as leis de Deus e da igreja, pois a vida terrena era considerada uma preparação para a existência verdadeira. Deus não era só amado pelas pessoas, mas também temido, e os pecados humanos poderiam provocar a fúria divina. Assim sendo, os flagelos que assolavam toda gente sempre eram entendidos como a vontade de Deus, que estava punindo seus filhos. Por isso, é bom contar com as graças celestiais e seguir pelo bom caminho. Segundo Jacques Le Goff, o homem medieval não tinha medo da morte, mas da danação eterna. Daí, entende-se o grande poder que a igreja possuía no período, uma vez que ela era a representante oficial de Deus na terra.

Para o homem da Idade Média, a questão do que iria acontecer com a sua alma, após o seu falecimento, sempre foi uma de suas maiores preocupações. A noção de que o corpo haveria de ressuscitar depois da morte, como se dera com o próprio Cristo, para viver uma vida plena e definitiva, achava-se muito viva na mente de homens e mulheres do século XIV. E o destino de cada uma dessas almas dependeria de como o indivíduo se portou durante a sua estada na terra. Se foi bom e piedoso, receberá como prêmio passar toda a eternidade num local de delícias, conhecido como Paraíso; se foi mau e descrente, há de lhe caber como destino final um lugar de sofrimentos, o inferno. A partir do século XII, para reduzir o medo extraordinário que as pessoas tinham de queimar nas regiões infernais, a igreja acrescentou a este modelo um terceiro local, o purgatório, onde as almas permaneceriam pagando por seus pecados até se purificarem, a fim de entrar na glória do paraíso. De acordo com Santo Agostinho, existiam quatro categorias de homens: os totalmente bons, que iriam para o paraíso; os totalmente maus, cujo destino seria o inferno; os não completamente bons e os não completamente maus, que não se sabia direito aonde iriam ter após a morte. Com a criação do purgatório, tal problema foi resolvido, pois aí permaneceriam as almas de homens e mulheres que não haviam sido tão ruins, aguardando até que seus pecados tivessem sido quitados. Tratava-se de um local de mão única, ou seja, as almas somente saíam dali para subir ao paraíso, de modo que jamais poderia despencar para o inferno. O tempo de permanência de uma alma no purgatório dependeria não só de seus próprios pecados, mas também dos sufrágios (missas, esmolas, orações), que seus parentes e amigos fariam em favor do falecido, os quais haveriam de lhe abreviar o tempo de espera. Depois, a igreja católica estipulou que certos mortos poderiam ter seus

pecados perdoados na íntegra e suas almas salvas mais rapidamente do purgatório, se a família do falecido pagasse determinada quantia de dinheiro, comércio que se tornou cada vez mais vergonhoso a partir do século XIII.

Sendo assim, o homem medieval viveu num intenso combate, onde ele é constantemente tentado por Satanás, que deseja lhe arrebatar a alma. O grande horror do indivíduo é morrer repentinamente, sem se arrepender de seus pecados. A igreja aterroriza seus fieis de tal maneira, que é maior o medo dele de ir para o inferno, do que o seu desejo de alcançar o paraíso. Apresentando este sistema triforme de vida pós-morte, a igreja católica procurava não só conter os exageros e vícios dos poderosos, como também manter os pobres e oprimidos mais resignados com o seu destino. Sendo todos iguais aos olhos de Deus, cabia apenas às pessoas, por suas obras boas ou más, conquistar os prazeres do paraíso ou sofrerem os tormentos do inferno.

A peste negra

Entre os anos de 1346 a 1352, uma doença terrível matou milhões de pessoas na Ásia e na Europa. Esta tragédia sem precedentes na história da humanidade ficou conhecida como a peste negra. Cumpre lembrar que este termo jamais foi empregado pelos contemporâneos da peste, tendo sido utilizado, pela primeira vez, por volta de 1550, cerca de duzentos anos após a calamidade ter ocorrido. Viajando de modo relativamente lento, percorrendo entre 30 e 130 quilômetros por mês, esta violenta pandemia levou cerca de mil dias para atravessar toda a Europa, de março de 1347, quando navios genoveses trouxeram a doença da Ásia Central para a Sicília, até o ano de 1351, quando ela abandonou o continente europeu, retornando para a Ásia através da Rússia. Portanto, a peste negra assolou uma região bem vasta, que se estende desde a China até a Península Ibérica.

Nesta época, reinava sobre o trono inglês Eduardo III, que estava em guerra contra o rei francês, Filipe de Valois. Era a famosa Guerra dos Cem Anos, cujo fim nenhum dos dois iria ver. Outro líder muito importante do tempo era o chefe da cristandade, o papa Clemente VI, que comandava o mundo cristão não do palácio papal em Roma, mas da cidade de Avignon, para onde a sede do papado havia se mudado anos antes. Quando soube do perigo da peste, foi aconselhado por seu médico particular, Guy de Chauliac, a fugir para o campo numa tentativa desesperada de salvar a própria vida.

Como ficou dito, a peste negra teve origem na Ásia Central, onde ela

era endêmica. Trata-se de uma doença contagiosa e, certamente, foi uma das tragédias que mais ceifou vidas na história da humanidade. Diversas epidemias sempre assolaram os homens da Idade Antiga e da Idade Média, mas nenhuma alcançou as proporções da peste negra. Ela também é conhecida como a segunda grande pandemia que se abateu sobre a Europa. A primeira ocorrera no tempo do imperador Justiniano e teria vindo da África, aparecendo inicialmente no porto de Pelusa, no Egito, em 541.

A peste negra calhou de ocorrer numa época em que a população europeia sofria com grande escassez de alimentos. Trinta anos antes, milhares de pessoas morreram de fome no continente, em virtude das chuvas abundantes que quebraram as safras. Isto pode explicar, em parte, como a enfermidade conseguiu se espalhar de maneira tão feroz. Com a chegada da peste, a situação geral do povo se agravou. Novamente, o fantasma da fome passou a assombrar as pessoas, pois faltavam braços para cultivar a terra. Os negócios paralisaram-se e muitos comerciantes faliram. Escolas e universidades fecharam as portas, por falta de pessoal capaz para as dirigir. Com o passamento de inúmeros mestres de ofício, grande número de aprendizes deixou de concluir a sua aprendizagem, o que resultou num empobrecimento profissional. Mas nem só os humanos foram atacados pela doença. Existem textos da época relatando que muitos cães, gatos e mesmo aves foram contaminados pela enfermidade.

Evidentemente, para a mentalidade do homem medieval, a pandemia que os atacou no final da década de 1340 deve ter parecido a eles como a chegada do próprio final dos tempos. Poucos anos antes da peste alcançar a Europa, ocorreram diversos presságios, que as pessoas interpretavam como sinais de desgraça iminente. Assim, no ano de 1336, a passagem do cometa Halley foi vista por muitos como o sinal de um terrível flagelo que estava por vir. Relatos dizem ter surgido nos céus uma nuvem de gafanhotos de quase cinquenta quilômetros. E os astrólogos pregavam que a má conjunção dos astros seria catastrófica naquela década fatal. Todavia, é possível que tais presságios tenham sido inventados depois que a calamidade se deu, para que a peste negra pudesse ser vista como um evento apocalíptico.

Para o homem simples do povo, tamanha tragédia só poderia ser explicada, porque Deus estava punindo os homens em virtude de seus pecados. Muitos acreditavam que Deus se achava furioso, porque a sede do papado havia sido transferida da cidade de Roma para Avignon. Tal crença, de que o Criador estaria castigando a humanidade por causa de suas faltas, teve grande

apelo no início da pandemia. Com o tempo, porém, esta teoria começou a ser posta em dúvida, uma vez que tanto os bons quanto os maus, ricos e pobres, velhos e crianças sacerdotes e leigos, morriam sem exceção. Não se conhecia qualquer meio de cura e a única solução encontrada pelas pessoas era fugir. Quem podia, como os mais abastados e os nobres, buscava refúgio nos campos, onde a possibilidade da contaminação era menor.

Logicamente, procurou-se encontrar um culpado e logo o homem medieval chegou à conclusão de que os responsáveis pela peste eram os judeus, ajudados pelos leprosos. Os primeiros não possuíam um conceito muito elevado no imaginário da população, uma vez que emprestavam dinheiro aos católicos e cobravam juros elevados. Os padres logo lançaram a culpa sobre eles, acusando-os de estarem envenenando as águas dos poços. Como consequência, milhares de judeus foram perseguidos por quase toda a Europa. Ninguém se lembrou de perguntar o motivo pelo qual, da mesma maneira que os cristãos, eles também estavam morrendo vitimados pela peste. Mas isto era apenas um detalhe.

Na época, a peste era chamada de "morte negra", devido a manchas escuras que apareciam na pele dos doentes. O médico muçulmano Ibn Al-Khatib relatou a peste como sendo *"uma doença aguda, acompanhada de febre em seu início, de essência tóxica, que atinge basicamente o princípio vital [o coração] através do ar, espalha-se pelas veias e corrompe o sangue, e confere a certos humores característica venenosa, o que gera a febre e a expectoração de sangue"*.

Boccaccio descreveu a violência da peste:

"Garanto que foi tal o poder da peste mencionada, no capricho de transferir-se de um a outro mortal, que não passava apenas de homem para homem; muitas vezes chegou a fazer, de modo visível, o que se diz mais à frente, e que é muito mais: a coisa do homem doente, ou que morrera de tal doença, quando tocada por outro ser, animal, fora da espécie do homem, não apenas o contaminava como também o matava dentro de muito pouco tempo. Deste fato tiveram os meus olhos (como há pouco se afirmou), certo dia, entre outras vezes, a seguinte experiência: as vestes rotas de um pobre sujeito, morto por essa doença, foram jogadas à rua. Dois porcos, de início, segundo costumam fazer, sacudiram-nas com o focinho, depois as seguraram com os dentes, cada um deles esfregando-as na própria cara. Apenas uma hora depois, após umas convulsões, como se tivessem ingerido veneno, os

dois porcos caíam mortos por terra, sobre os trapos em tão má hora jogados à rua."

Como se dá a transmissão da peste?

Os homens do século XIV não faziam a menor ideia do que causava a peste, como a doença se espalhava de pessoa para pessoa, o que poderiam fazer para evitá-la e quais remédios conseguiriam curar os doentes. Não se sabia que a doença era transmitida pelas pulgas dos ratos, de maneira que as classes sociais mais atingidas pela pandemia foram justamente aquelas que possuíam os piores hábitos de higiene, como os pobres. Pouco podiam fazer os médicos pelos doentes e, em função dessa ignorância completa, restava às pessoas apelarem para os santos de sua devoção. Segundo a teoria de Galeno, as pestes eram transmitidas de indivíduo a indivíduo através do ar envenenado por miasmas. Outros acreditavam que a contaminação se dava ao entrar em contato com as roupas dos doentes ou respirar o ar infectado pelos cadáveres. A transmissão acontecia de maneira tão rápida, que muitos chegaram a imaginar que bastava o doente lançar os olhos sobre alguém, para que a doença fosse transmitida. Para evitar a enfermidade, os físicos do tempo prescreviam a inalação de certas ervas fervidas. Para Boccaccio, a contaminação ocorria da seguinte maneira:

"Esta peste foi de extrema violência; pois ela atirava-se contra os sãos, a partir dos doentes, sempre que os doentes e são estivessem juntos. Ela agia assim de modo igual àquele pelo qual procede o fogo: passa às coisas secas, ou untadas, estando elas muito próximas dele. A enfermidade ainda fez mais. Não apenas o conversar e o cuidar de enfermos contagiavam os sãos com esta doença, por causa da morte comum, porém mesmo o ato de mexer nas roupas, ou em qualquer outra coisa que tivesse sido tocada, ou utilizada por aqueles enfermos, parecia transferir, ao que bulisse, a doença referida."

Com o número crescente de mortes, muitas casas passaram a ficar vazias e abandonadas, mas ninguém era tolo o bastante para ir pilhá-las, roubar roupas e objetos pessoais dos defuntos, pois sabiam que poderiam se contaminar com a peste.

Como se dava a transmissão da doença?

A peste pode ser transmitida não só por pulgas e por ratos, que abundavam nos navios mercantes, como também, em sua variação pneumônica, de pessoa para pessoa através de tosse, espirro ou expectoração. Na sua forma bubônica, a transmissão se faz da seguinte maneira: as pulgas picam os ratos doentes, sugando-lhe a bactéria, uma vez que, originariamente, a peste não é uma doença do homem, mas de roedores, como ratos, marmotas, esquilos, etc. Embora a *Xenopsylla cheopis,* a pulga do rato-preto, não goste muito do sangue humano, quando os ratos vão morrendo vítimas da peste, elas se veem obrigadas a buscar alimento em outras fontes para sobreviver. Logo, a pulga pica os homens, transmitindo-lhes a doença. Através de sua picada, o bacilo da peste invade o corpo humano e chega ao gânglio linfático, sendo que uma das consequências é uma adenite aguda, normalmente na região das axilas e da virilha, que recebe o nome de bubão. Vem daí o termo peste bubônica.

Foi o cientista suíço Alexandre Yersin, quem primeiro descreveu corretamente o bacilo da peste, cujo nome científico, *Yersinia pestis,* foi dado em sua homenagem. O vetor do bacilo *Yersinia pestis* é a pulga do rato-preto, a *Xenopsylla cheopis*, que é muito resistente e pode viver um ano inteiro sem encontrar um rato hospedeiro. Tão logo um rato doente morre, a pulga passa para outro rato, inoculando também neste a enfermidade. Das diversas espécies existentes de pulgas, a *Pulex irritans*, a pulga humana, também deve ter sido um vetor significativo da peste negra, pois o bacilo da peste, o *Yersinia pestis,* pode ser transmitido por mais de 30 espécies diferentes de pulgas. Em geral, os bacilos *Yersinia pestis* se multiplicam no estômago da *Xenopsylla cheopis* em tal número, que lhe provoca um bloqueio, ameaçando matá-la por inanição. Com isso, a pulga "bloqueada" sente muita fome, passando a picar ainda mais as suas vítimas e, enquanto se alimenta, transmite-lhes grande número de bacilos.

O rato-preto, ou *Rattus rattus,* alimenta-se com restos deixados pelas pessoas. Estes ratos eram companheiros tradicionais do homem medieval, morando em suas casas, onde se escondiam nas vigas do telhado ou iam se entocar em velhos sótãos, quando existiam. Ele se reproduz muito rapidamente e possui uma agilidade incrível. Consegue saltar por cima de um muro de quase um metro de altura, saindo da imobilidade. Escala paredes praticamente na vertical e pode cair de uma altura de quinze metros sem se machucar. Tem hábitos noturnos, preferindo se deslocar durante a noite para buscar comida e são muito sedentários, não indo além de um raio de um quilômetro em toda sua vida. Apenas muito remotamente, uma colônia de ratos abandona o seu habitat

natural a fim de migrar para outras regiões. Uma das características mais curiosas dos ratos é que, como os humanos, eles são capazes de rir.

Chuvas torrenciais e desastres naturais como terremotos e inundações podem ter uma responsabilidade direta para o desenvolvimento de uma pandemia como a peste negra. Quando uma tragédia deste porte ocorre, naturalmente, as colônias de ratos se dirigem para o local onde vivem os humanos, a fim de procurar alimentos. Outro fator fundamental para o desenvolvimento da peste é a falta de higiene, como já ficou dito. O rato-preto pode se alimentar com dejetos humanos e adora imundície. A sua pulga, principal vetor da peste, obviamente também se achará mais em contato com pessoas que não se banhem amiúde ou troquem de roupa.

Há três formas da doença que podem atacar o indivíduo. A peste pneumônica, que infeta os pulmões, a peste septicêmica, que atinge a corrente sanguínea e a peste bubônica, cujo nome era derivado dos bubões, espécie de tumefações escuras que apareciam, normalmente, na região das axilas e da virilha.

A mais comum das três variantes da doença é a peste bubônica, que é transmitida aos homens através da picada da pulga. É a menos mortal das formas da enfermidade. O período de incubação leva de dois a seis dias e o doente apresenta no corpo inchaços ovalados, quase sempre nas axilas, coxas, pescoço e virilha, os quais são conhecidos como bubões. Outro sinal indicativo de que o paciente havia sido contaminado pela peste negra e estava com os dias contados era o aparecimento de sardas roxas nas costas, pescoço ou peito. Na época, também foram chamadas de “Sinais de Deus”, pois o indivíduo que as apresentava achava-se definitivamente marcado pela morte. Estes bubões são tremendamente doloridos e os doentes exalavam um fedor terrível, como se já estivessem mortos, segundo descreveu um cronista contemporâneo da pandemia. Além disso, as pessoas tinham corrimento de sangue pelo ânus e também é possível que a doença afetasse o sistema nervoso, pois há relatos de homens e mulheres gritando desesperados nas janelas ou andando pelados pelas ruas.

A peste pneumônica é a única forma da doença que pode ser transmitida de uma pessoa para outra, atacando-lhes os pulmões. Dentre os sintomas, os enfermos passam a tossir muito e a cuspir sangue. Esta forma da doença transmite-se de indivíduo para indivíduo como um resfriado, através do ar e, por isso, é mais frequente no inverno e no tempo frio. A peste pneumônica é menos comum que a peste bubônica, mas muito mais violenta,

chegando a matar entre 95% das pessoas infectadas. Durante os anos de 1347 e 1351, foi uma forma bastante efetiva da doença, espalhando-se por toda a Europa. De acordo com um cronista do tempo, *"o hálito espalhava a infecção entre aqueles que conversavam e parecia que as vítimas eram todas imediatamente atacadas..."*. Segundo ele nos informa, os doentes tossiam sangue e, após vomitar por três dias, acabavam vindo a falecer, bem como todos com quem tinha falado.

A peste septicêmica também é transmitida por pulgas. Porém, neste caso, os bacilos da *Yersinia pestis* entram em grande quantidade na corrente sanguínea do indivíduo, criando uma infecção generalizada. Das três variantes da peste, esta é que apresenta a forma menos comum. Os pés e as mãos dos doentes ficam duros e pretos como carvão. Dizem que daí vem o nome peste negra, termo que nunca foi empregado pelos contemporâneos da pandemia no século XIV. É a forma da enfermidade que mata mais rapidamente, de maneira que o enfermo pode morrer no mesmo dia ou apenas em poucas horas após ter sido picado. Nem há tempo para se formar os tradicionais bubões.

Doentes

Um dia, o marido sai para trabalhar logo cedo e, ao regressar para casa, nota que está um pouco tonto e começa a se sentir ligeiramente enjoado. São os primeiros sintomas da doença, que começa a se manifestar em seu organismo. Durante a noite, vomita várias vezes e, quando acorda no dia seguinte, encontra uma espécie de caroço duro, o bubão, às vezes tão grande quanto um tomate, na região da virilha. O bubão é dolorido e, se lhe tocam com o dedo, produz uma dor lancinante. No outro dia, quando acorda, o homem passa a tossir sangue, apresentando febre muito alta e delírios. Seu corpo cheira mal e ele não consegue mais se levantar da cama, cujo colchão já se encontra empapado de sangue, porque o pobre não pode conter o corrimento anal. Está condenado e, em menos de 48 horas, será enterrado numa cova rasa.

Estes sintomas externos que os doentes apresentavam também foram descritos por Boccaccio no início do *Decamerão*:

"A peste, em Florença, não teve o mesmo comportamento que no Oriente. Neste, quando o sangue saía pelo nariz, fosse de quem fosse, era sinal evidente de morte inevitável. Em Florença, apareciam no começo,

tanto em homens, como nas mulheres, ou na virilha ou na axila, algumas inchações. Algumas destas cresciam como maçãs; outras, como um ovo; cresciam umas mais, outras menos; chamava-as o populacho de bubões. Dessas duas partes referidas do corpo logo o tal tumor mortal passava a repontar e a surgir por toda parte. Em seguida, o aspecto da doença começou a alterar-se; começou a colocar manchas de cor negra ou lívidas nos enfermos. Tais manchas estavam nos braços, nas coxas e em outros lugares do corpo. Em algumas pessoas, as manchas apareciam grandes e esparsas; em outras, eram pequenas e abundantes. E do mesmo modo como, a princípio, o bubão fora e ainda era indício inevitável de morte futura, também as manchas passaram a ser mortais, depois, para os que as tinham instaladas."

O homem medieval não sabia por que motivo algumas pessoas ficavam doentes e outras não. Segundo boa parte dos médicos do tempo, isto decorria da teoria dos quatro humores. De acordo com tais pressupostos, as pessoas de temperamento quente e úmido eram as que mais adoeciam.

Como eles não sabiam o que causava a peste, não existia remédio para tratar os doentes. A única solução que os homens e mulheres do século XIV viam diante de seus olhos era imitar o gesto do papa Clemente VI e fugir para o campo, o que não era uma garantia, pois lá as pessoas também adoeciam.

A primeira coisa que os médicos recomendavam para os enfermos era repouso. Depois, alteravam-lhe a dieta alimentar, para que o corpo esfriasse ou, se fosse o caso, esquentasse a fim de suar. Também recomendavam que fossem deitadas sanguessugas e ventosas sobre os pacientes. Porém, o tratamento preferido dos médicos medievais era sangrar os infelizes (flebotomia), sobretudo nas veias mais próximas do coração. Havia tratamentos curiosos. Alguns médicos recomendavam que os doentes não deveriam se expor a ventos, enquanto que outros afirmavam que se queimassem ervas aromáticas no interior das casas. Como acreditavam que a doença se espalhava pelo ar infectado por miasmas, segundo Hipócrates asseverava, aconselhavam também a acender grandes fogueiras pelas ruas. Tudo inútil, pois a peste veio e levou quantos bem quis.

Quando um indivíduo adoecia, dificilmente encontrava alguma pessoa que estivesse disposta a tratá-lo, pois todos temiam ser contagiados pela enfermidade. Sabiam que aquele que caísse doente raramente se recuperava e acabava morrendo em poucos dias. Muitas vezes, quando alguém contraía a

peste, os familiares abandonavam o infeliz sozinho na casa e iam todos embora, para nunca mais voltar, procurando salvar as próprias vidas. Na maioria dos casos, não tinham para onde ir e ficavam perambulando pelas ruas sem pouso certo, pois pessoa alguma lhes dava abrigo, imaginando que eles também já estivessem empestados. Se um moribundo morresse abandonado em casa, eram os vizinhos que pagavam para enterrar o infeliz, pois precisavam se livrar do cheiro insuportável que permanecia no local. Os médicos, além de escassos, recusavam-se a tratar os enfermos. Quando aceitavam, acabavam cobrando preços absurdos e, ainda assim, evitavam tocar o paciente, receosos de contrair a doença. Boccaccio descreve como as pessoas abandonavam umas às outras à própria sorte:

"Tal inquietação entrara, com tanto estardalhaço, no peito dos homens e das mulheres, que um irmão deixava o outro; o tio deixava o sobrinho; a irmã, a irmã; e, frequentemente, a esposa abandonava o marido. Pais e mães sentiam-se enojados em visitar e prestar ajuda aos filhos, como se não o foram (e esta é a coisa pior, difícil de se crer."

E continua:

"Os operários, míseros e pobres, faleciam. Tombavam sem vida, pelas vilas isoladas e pelos campos, com suas famílias, sem nenhuma ajuda de médico, nem auxílio de servidor; faleciam não como homens, e sim como animais, nas ruas, nas plantações, nas casas, dia e noite, ao deus-dará."

Ainda sobre os doentes, o notável escritor afirmou:

"Quantos valorosos homens, quantas mulheres belíssimas, quantos galantes moços – que Galeno teria considerado mais do que sadios, assim como Hipócrates, Esculápio e outros – tomaram o seu almoço de manhã com seus parentes, colegas, amigos e, em seguida, na tarde desse mesmo dia, jantaram no outro mundo, em companhia de seus antepassados!"

O que as pessoas faziam para evitar a peste

Devido à grande concentração de pessoas, a peste se espalhou com mais facilidade nos centros urbanos. Como não se sabia de que maneira se

poderia combater a doença, o homem medieval imaginava que a melhor forma de se evitar a contaminação era separando os empestados das pessoas saudáveis, como se fazia com os leprosos. Inúmeros enfermos foram atirados para fora dos muros das cidades, indo morrer abandonados nos bosques, sem qualquer assistência médica. Também diversas cidades proibiram a entrada de pessoas estranhas.

Todos os homens e mulheres do século XIV concordavam que, para não se contrair a peste, o melhor a fazer era evitar o ar doentio infectado pelos miasmas. Como se poderia conseguir isso? Primeiro, o indivíduo não deveria frequentar áreas pantanosas, onde o ar das águas estagnadas é mais denso e túrgido, sendo, portanto, mais propenso à transmissão da enfermidade. Segundo, deveriam deixar as janelas abertas para arejar a casa, sobretudo, se elas se abrissem para o norte. As janelas que se abriam para o sul deveriam ser mantidas fechadas.

A fim de tentar escapar da peste, a melhor solução encontrada ainda era fugir para os campos e inúmeras pessoas colocaram os pés na estrada enquanto podiam, indo se entocar na residência de conhecidos e parentes em aldeias afastadas ou na zona rural. Assim procederam os personagens do *Decamerão*, jovens cheios de vida, que foram se refugiar num recanto campestre nas imediações de Florença, onde permaneceram se divertindo até que a epidemia tivesse passado. Segundo Boccaccio:

"Alguns diziam que não havia remédio melhor, nem tão eficaz, contra as pestilências, do que abandonar o lugar onde se encontravam, antes que essas pestilências ali surgissem. Induzidos por esta forma de pensar, não se importando fosse com o que fosse, a não ser com eles mesmos, inúmeros homens e mulheres deixaram a própria cidade, as próprias moradias, os seus lugares, seus parentes e suas coisas, e foram em busca daquilo que a outrem pertencia, ou, pelo menos, que era de seu condado. Para eles, era como se a cólera de Deus estivesse destinada não a castigar a iniquidade dos homens com aquela peste, onde eles estivessem, e sim a oprimir, comovido, somente os que teimassem em ficar dentro dos muros de sua cidade."

Evidentemente, todo tipo de remédio foi tentado pelos médicos. Era comum se receitar vinagre devido ao seu cheiro forte e isto parece que teve algum valor preventivo, pois acabava espantando os ratos e as pulgas. Quem

podia, acendia piras em sua residência, como foi recomendado ao papa Clemente VI. Outros médicos afirmavam que bom mesmo era queimar galhos secos odoríferos dentro de casa, pinho, alecrim, louro, cipreste e videira. Como não podia deixar de ser, para prevenir a doença, os padres aconselhavam portar amuletos religiosos. E era voz comum que as mãos deveriam ser lavadas sempre que possível, mas não o resto do corpo, e tampouco fazer exercícios físicos, pois isto abria os poros da pele, facilitando a entrada da doença no organismo. Era recomendado comer figos e avelãs antes do almoço, tendo o estômago vazio. Quando o dia já estivesse mais avançado, acreditavam que seria útil comer especiarias, como pimenta e açafrão, misturado com cebolas. Mas não em excesso, porque os humores poderiam se desequilibrar.

De acordo com Boccaccio, para se evitar a peste, muitas pessoas

"vagavam de um lugar a outro, levando, uns, flores nas mãos, ervas odoríferas outros, e outros, ainda, diferentes tipos de especiarias; levavam as ervas ao nariz, considerando excelente coisa a confortar o cérebro com seu perfume. Era como se todo o ar estivesse tomado e infectado pelo odor nauseabundo dos corpos mortos, das doenças e dos remédios".

Pelas ruas de Paris, fogueiras eram acesas nas principais esquinas da cidade. De certa forma, isto funcionava um pouco, pois afastava os ratos e as pulgas. Alguns prescreviam que os indivíduos não deveriam praticar sexo, como o bispo sueco Bengt Knutsson, pois isto abria também os poros, por onde a enfermidade entrava. Segundo o médico Gentile da Foligno, possivelmente um grande amigo de copos, o melhor método para não contrair a peste era bebendo bom vinho. Curiosa era a opinião do médico muçulmano Ibn Khatimah. Ele afirmava que, quanto mais estúpida fosse a pessoa, menor eram as possibilidades dela contrair a doença e, quanto mais inteligente ela fosse, maiores seriam os riscos. Outros médicos sugeriam verdadeiros absurdos para evitar que os indivíduos fossem contaminados. Certo John Colle percebeu o seguinte. Alguns funcionários que trabalhavam diretamente com latrinas ou em ambientes malcheirosos, como hospitais, apresentavam a tendência de não contrair a doença. Logo, chegou à conclusão que o ar fétido das cloacas era um bom antídoto contra a peste. Com isso, o médico passou a receitar a seus pacientes a inalação de tais odores podres e muitas pessoas, em Paris, dirigiam-se para as latrinas municipais, onde permaneciam certo tempo

agachadas, respirando os vapores mefíticos dos excrementos, confiantes de que estariam se imunizando contra a enfermidade.

Por outro lado, muitas pessoas perceberam que não existiam nem remédio, nem como se prevenir contra a pandemia, que matava indiferentemente ricos e pobres, homens e mulheres, crianças e velhos. Em função disso, concluíram que a melhor coisa para se fazer era aproveitar ao máximo a vida. De acordo com Boccaccio:

"Outras pessoas declaravam que, para tão imenso mal, eram remédios eficazes o beber abundantemente, o gozar com intensidade, o ir cantando de uma parte a outra, o divertir-se de todas as maneiras, o satisfazer o apetite fosse de que coisa fosse, e o rir e troçar do que acontecesse, ou pudesse suceder. Como diziam, assim procediam, do modo como lhes fosse possível, dia e noite. Iam ora a uma tasca, ora a outra; bebiam imoderadamente e sem modos. E com mais desbragamento agiam na casa alheia, obrigando os donos a escutar o que lhes desse na telha de dizer. E podiam agir assim sem grandes preocupações, porque cada um – quase como se não houvesse mais viver – já deixara ao léu as suas coisas, assim como deixara ao deus-dará a própria pessoa."

Os culpados pela peste

Tão logo a peste chegou à Europa no ano de 1347 e as pessoas começaram a morrer aos milhares em toda parte, a população passou a procurar pelos culpados de tamanha calamidade.

Em primeiro lugar, tentou se explicar a peste pelo movimento dos planetas. Durante o século XIV, a influência dos astros era tão grande na mentalidade do homem medieval, que ficava apenas abaixo da influência do próprio Deus. Naquele tempo, todos acreditavam que a má conjunção dos planetas teria o poder de causar desastres. Sabia-se que o movimento da lua tinha a capacidade de influenciar as marés; por analogia, as pessoas acreditavam que um mau alinhamento dos astros poderia influenciar a qualidade do ar, causando inúmeras doenças. Quando a peste alcançou o continente europeu, doutores da Universidade de Paris logo comunicaram ao rei Filipe de Valois que tamanha catástrofe estava sendo causada pela má conjunção de Marte, Saturno e Júpiter, ocorrida em março de 1345, e por isso, o ar de toda a terra estaria corrompido.

Depois que descobriram que a peste tinha sido trazida por embarcações genovesas vindas do Oriente, autoridades de algumas cidades italianas lançaram a culpa por tal calamidade sobre as hordas de mongóis, que haviam se dirigido ao Oeste, onde tinham sitiado a cidade de Caffa, um antigo entreposto comercial de Gênova. Evidentemente, buscaram-se muitos outros culpados para tentar explicar por que Deus se achava tão furioso com os homens. A certa altura, cismaram com os cães, que seriam os verdadeiros causadores e transmissores da peste. Sem poder se defender, os pobres animais foram mortos aos milhares pela sanha mortífera do povo. Outros buscavam motivos mais curiosos. Alguns afirmavam que a peste estava sendo causada porque se praticava atos luxuriosos com mulheres velhas. Porém, os principais bodes expiatórios foram os leprosos e, acima de todos, os judeus.

De acordo com a mentalidade medieval, o corpo refletia o estado da alma. Um corpo podre, como o dos leprosos, significava uma alma apodrecida, ou seja, alguém que havia pecado terrivelmente aos olhos de Deus. E a punição divina se revelava num organismo coberto de pústulas, para que toda gente pudesse testemunhar o que poderia ocorrer com aqueles que desagradavam ao Criador. Por isso, quando a peste surgiu e começaram a procurar os culpados pela desgraça, os leprosos logo foram acusados como os causadores da pandemia. As pessoas imaginavam que a doença se disseminava não só pelo ar impuro, que havia se tornado infecto por causa dos leprosos, bem como através das águas infectadas por eles, que estariam envenenando os poços para se vingarem dos indivíduos sadios. A população se revoltou contra estes miseráveis e alguns leprosários chegaram a ser incendiados.

Durante a Idade Média, eles sofriam grandes preconceitos por parte do povo, que acreditava em todo tipo de boato. Diziam que os leprosos matavam as crianças a fim de lhes beber o sangue inocente para se purificarem, pois o sangue puro iria substituir aquele infectado, curando-os de sua doença. Quando estivessem em locais públicos, eram obrigados a se vestir com roupas que os identificassem facilmente, como uma capa cinzenta ou preta, além de portarem um aparelho tipo uma matraca ou um chocalho, que produz um som característico, informando às pessoas que ali se achava um leproso, para que elas pudessem fugir ao seu contato. Eles costumavam perambular pelas ruas das cidades, pois a maioria delas permitia a entrada destes enfermos. Contudo, eram obrigados a comprar todas as mercadorias que suas mãos tocassem, pois temiam que tais objetos ficassem contaminados.

A população se voltou contra os judeus de maneira ainda mais severa. Desde os tempos antigos, os judeus já se encontravam na Europa e, ao longo de toda a Idade Média, eles mantiveram as suas comunidades isoladas, morando em bairros específicos. De modo geral, os cristãos nutriam uma profunda hostilidade contra eles, porque acreditavam que eram os responsáveis por terem matado Cristo. Estas hostilidades, em parte, eram acentuadas pelas próprias atividades profissionais a que os judeus, quase sempre, estavam ligados. Como não podiam possuir terras e tampouco pertencer a alguma guilda, restava para eles exercer atividades ligadas a dinheiro, como agiotagem e cobrança de impostos. Em virtude disso, fica fácil compreender por que as pessoas os odiavam tanto. Eram sempre os judeus que vinham cobrar os impostos e tomar o pouco dinheiro que os pobres conseguiam economizar. Eram sempre os judeus que lhes emprestavam dinheiro, mas cobrando juros escorchantes pelos empréstimos, os quais, muitas vezes, tornavam-se impossíveis de serem pagos. Segundo se dizia, quem não pagasse as suas dívidas, o judeu agiota tomaria a esposa do infeliz endividado e a levaria para trabalhar em um prostíbulo. Daí que eles eram vistos pelo povo e pela igreja católica com grande desprezo. Tanto que no ano de 1290, o rei inglês, Eduardo I, expulsou os judeus da Inglaterra. É claro, mandou antes confiscar todos os bens deles para a coroa.

Com a chegada da peste negra à Europa, os ânimos se acirraram e, por quase toda parte, irromperam perseguições aos judeus. Afirmavam que eles estariam dispostos a dominar o mundo e, por isso, começaram a envenenar as águas de poços, fontes e cisternas, a fim de provocar doenças nos cristãos. De acordo com a ideia geral, eles vinham fazendo isso com a ajuda dos leprosos, os quais estariam sendo pagos pelos judeus. O problema é que eles também se achavam morrendo aos milhares pela terrível epidemia, mas os cristãos não chegaram a se perguntar por que isto estava acontecendo. O ódio contra eles acentuou-se e inúmeras judiarias foram invadidas e incendiadas. As pessoas forçavam-nos a serem batizados ou morriam pelo fio da espada. O próprio papa Clemente VI declarou em uma bula papal não ser verdade que os judeus seriam os causadores da peste, condenando publicamente os massacres, que continuaram. Era necessário encontrar um culpado por toda aquela tragédia e, naturalmente, a culpa maior recaiu sobre os judeus. As pessoas diziam: “se matarmos os judeus, a peste não chegará a nossa aldeia. E se chegar, pelo menos as nossas dívidas com os agiotas estarão resolvidas”.

As pessoas contavam histórias horríveis sobre os judeus. De acordo

com uma lenda da época, da mesma forma que os leprosos, os judeus também assassinavam crianças cristãs para lhes beber o sangue. Apenas a motivação seria diferente e faziam isso para serem curados de hemorróidas. Parece que padeciam deste mal desde que eles haviam proferido em altos brados para Pilatos: "Que o seu sangue caia sobre nós e nossos filhos". Desde então, acreditava-se que todo judeu sofria de hemorróidas. Ao que consta, os sábios judeus alegavam que o único alívio para este mal era beber o sangue das crianças cristãs.

A acusação tradicional que recaía sobre eles era de renegar a Deus, cultuar falsos ídolos e, pior de tudo, assassinar a Cristo. Por isso, muitos foram submetidos a "interrogatórios" que, em outras palavras, significavam tortura. Diante disso, alguns chegaram mesmo a afirmar que estavam envenenando poços e costumavam beber sangue de crianças. Como punição, eram invariavelmente presos e torrados em fogueiras.

Em 1348, no ano em que a pandemia esteve em seu auge, milhares de judeus foram terrivelmente massacrados na Alemanha pelos flagelantes, que os odiavam. No ano seguinte, a cidade de Basel queimou seus judeus numa enorme fogueira acesa em uma ilha do Reno. Estrasburgo reuniu todos os judeus num cemitério e ali os incendiou. Antes de matá-los, as pessoas rasgaram as roupas deles, deixando-os nus, a fim de lhes roubar o dinheiro que haviam escondido sob as vestes. Sabe-se que entre 1348 e 1349, o número de judeus mortos em *pogroms* foi enorme.

Sepultamento dos defuntos

No início da peste, quando a doença ainda havia infectado poucas pessoas em uma determinada cidade ou aldeia, a população procurou manter os ritos de sepultamento tradicionais, sempre que fosse possível. Os cadáveres eram enterrados em covas fundas, para evitar que a enfermidade se propagasse. A partir do momento em que a pestilência mostrou toda a sua força, dizimando centenas de indivíduos todos os dias, passaram-se a sepultar os defuntos como deu. A respeito das cerimônias fúnebres, Boccaccio nos informa o seguinte:

"*Costumava-se (como hoje ainda o vemos) reunirem-se as mulheres, parentes e vizinhas na residência do que morria. Ali, em companhia das mulheres mais aparentadas do defunto, elas choravam. De outro lado, diante*

da casa do morto, vizinhos e inúmeros cidadãos reuniam-se com os seus achegados; de acordo com a categoria do morto, apresentava-se o padre. Desse modo, o falecido era conduzido à igreja que escolhera momentos antes de morrer. Os seus pares levavam-no aos ombros, com pompa fúnebre, de velas e de cantos. Tais cerimônias quase se extinguiram, no todo ou parcialmente, quando principiou a crescer o furor da peste. E muitas novidades vieram substituí-las. Não apenas faleciam as pessoas sem que houvesse grande número de mulheres à volta, como também eram incontáveis as que partiam desta vida sem nenhuma testemunha. Eram em número reduzidíssimo aqueles aos quais eram concedidos os prantos piedosos e as lágrimas sentidas de seus próprios parentes. Em vez de prantos e de lágrimas, passaram a usar-se, para a maior parte, os risos, as pilhérias, e as festas em boa parceria. Tal costume foi, gostosamente, aceito pelas mulheres, na sua maioria, após terem elas postergado a piedade feminina; e afirmavam que o faziam para a salvação da alma dos que haviam partido. Fazia-se raro o caso daqueles cujos corpos tinham, indo para a igreja, o cortejo de dez ou doze de seus vizinhos. O féretro destes era carregado não por honrados e prestimosos cidadãos, porém por uma espécie de padioleiros, que se originaram da gente mais humilde, que recebiam o título de coveiros, e que apenas usavam seus préstimos por um preço combinado com antecedência. Tais padioleiros carregavam os caixões, a passos apressados, não à igreja que os defuntos haviam escolhido antes do passamento, porém, com frequência, ao templo mais próximo. Os padioleiros caminhavam atrás de quatro ou de cinco clérigos, com raras velas; as mais das vezes iam mesmo sem nenhum clérigo. Estes, quando os havia, não perdiam muito fôlego em seus ofícios solenes; ajudados pelos coveiros, depositavam os caixões, de preferência, na primeira cova vazia que encontravam."

Em pouco tempo, o número de mortos aumentou sensivelmente, de maneira que os ritos tradicionais que eram feitos em cada sepultamento, na maioria dos casos, deixaram de se realizar. Ninguém mais se preocupava em enterrar seus parentes com as solenidades da praxe. Os cadáveres eram simplesmente recolhidos de manhã em carretas que circulavam pelas ruas das cidades a fim de levar os doentes que haviam falecido durante a noite para os cemitérios, onde eram sepultados em vala comum. Já não se faziam mais enterros em covas fundas, mas tudo muito superficialmente, às vezes,

empilhando-se um defunto por cima do outro, sem sequer lhes envolver os corpos em uma mortalha. Inúmeros sepultamentos foram feitos tão às pressas, que bastava um cachorro escavar um pouco a terra para desenterrar os cadáveres. A morte tornara-se tão banal, que Boccaccio chegou a escrever que um homem morto, naqueles dias terríveis da peste, contava tanto quanto um bode morto.

Os coveiros tornaram-se insuficientes para dar conta de tanto trabalho, sem dizer que eles também iam morrendo como o restante da população. Os raros que se prestavam a realizar este serviço acabavam cobrando preços altíssimos, pois pessoa alguma queria ter contato com os mortos. Em pouco tempo, outro problema surgiu, pois já não havia mais madeira para fazer os caixões. É o próprio Boccaccio quem nos informa como se realizavam os enterros:

"Tão grande era o número de mortos que, escasseando os caixões, os cadáveres eram postos em cima de simples tábuas. Não foi um só o caixão a receber dois ou três mortos simultaneamente. Também não sucedeu uma vez apenas que esposa e marido, ou dois e três irmãos, ou pai e filho, foram encerrados no mesmo féretro. Muitíssimos destes fatos poderiam ter sido narrados. E infinitas vezes se viu que, indo dois clérigos com uma cruz, por alguém, atrás do primeiro se colocavam três ou quatro caixões, carregados por seus respectivos portadores; assim sendo, onde supunham os padres ter um morto para enterrar, havia sete ou oito; com frequência, até mais. Tais mortos excedentes eram, por esta razão, homenageados com alguma lágrima, às vezes, por alguma vela, ou alguma companhia."

E continua:

"Para dar sepultura à grande quantidade de corpos que se encaminhava a qualquer igreja, todos os dias, quase a toda hora, não era suficiente a terra já sagrada; e menos ainda seria suficiente se se desejasse dar a cada corpo um lugar próprio, conforme o antigo costume. Por isso, passaram-se a edificar igrejas nos cemitérios, pois todos lugares estavam repletos, ainda que alguns fossem muito grandes; punham-se nessas igrejas, às centenas, os cadáveres que iam chegando; e eles eram empilhados como mercadorias nos navios."

A Grande Fome de 1315

Entre os anos 1000 e 1250, a população europeia apresentou um grande crescimento, voltando a estagnar por volta do final do século, quando milhares de pessoas já viviam em pobreza absoluta. O continente achava-se num dilema malthusiano de subsistência, pois o aumento populacional estava superando a capacidade de produção alimentar. Muitos solos achavam-se esgotados e as condições climáticas mudaram. Já a partir do ano de 1250, o clima começou a esfriar e ocorreu o que os historiadores passaram a chamar de Pequena Era Glacial. Os verões encurtaram, tornaram-se mais frescos e úmidos e os invernos registraram temperaturas muito baixas.

No ano de 1314, chuvas torrenciais começaram a cair sobre a Europa. Com isso, enormes extensões de terras dedicadas à agricultura foram perdidas. As safras quebraram e as colheitas foram insuficientes para alimentar a população, que padeceu muita fome. Os preços dos alimentos subiram vertiginosamente e muitos tiveram que se alimentar com seus cães, gatos ou comer raízes que encontravam. Quando calhava, comiam um rato ou uma cobra. O ano de 1315 foi ainda mais terrível. O sol não apareceu e tempestades violentíssimas continuavam alagando os campos encharcados, que iam se transformando em lagoas. As pessoas imaginavam que Deus desejava punir os homens por causa de seus pecados e resolvera enviar um segundo dilúvio à terra. Dentro das casas, tudo permanecia molhado e mofado, como camas, tapetes e roupas. Os telhados de palha vazavam, empapando o chão de barro no interior das residências mais pobres.

Em 1316, como as chuvas não paravam, os arbustos e o matagal cresceram demais, os rios transbordaram e as colheitas foram quase que totalmente perdidas. Grande parte da população já não tinha mais o que comer e muitos desesperaram-se, chegando ao extremo de ir aos cemitérios e desenterrar os defuntos para lhes comer as carnes putrefatas. Segundo um monge alemão, algumas pessoas comeram seus próprios filhos, ainda meio vivos. A fome extrema tornou os homens mais violentos e muitos indivíduos passaram a atacar os demais, armados de paus, facas e pedras, disputando restos de comida. Até o ano de 1322, quando o clima começou a mudar, estima-se que 10% da população europeia tenha morrido de fome. Mas a situação não melhorou muito após este período. Sabe-se que, em muitas partes do continente, a falta de alimentos permaneceu até a chegada da peste negra.

O homem medieval encontrava-se à mercê das condições climáticas e

caprichos da natureza. Como não existia um sistema efetivo que garantisse o estoque dos alimentos, a fome era um fantasma que, constantemente, assombrava as populações da Idade Média. Bastava uma má safra, para que todos sofressem as consequências. Em Ypres, cerca de 2800 cadáveres foram sepultados somente nos primeiros seis meses das chuvas. Na Itália, como não existia comida para todos, as autoridades de muitas cidades decidiram expulsar os mendigos para fora dos muros, pois não havia como alimentá-los.

É possível que a Grande Fome de 1315, cujos efeitos se estenderiam por muitos anos, tenha aberto as portas para a peste negra se espalhar da maneira tão violenta como ocorreu. Pessoas que se encontram mal-alimentadas são mais facilmente vítimas de contrair doenças. Alguns historiadores modernos, porém, contestam esta suposição, uma vez que o homem medieval, no período imediatamente anterior à pandemia, achava-se melhor alimentado do que os europeus que viveram a Grande Fome. Por outro lado, médicos afirmam que um estado de subnutrição geral impede que um indivíduo desenvolva o seu sistema imunológico de maneira correta, tornando-o mais propenso a contrair doenças.

A Guerra dos Cem Anos

Dentre as causas para a disseminação da peste negra, as guerras e batalhas campais também apresentam um papel importante, porque deixavam cadáveres expostos pelos campos aos rigores do sol e das chuvas, atraindo ratos. Certamente, os estragos causados pelas constantes guerras no continente europeu tornaram a população mais vulnerável à pandemia. Dez anos antes da peste negra chegar à Europa, nos princípios de 1337, teve início uma série de batalhas entre França e Inglaterra, que entraria século XV adentro e ficaria conhecida como a Guerra dos Cem Anos. O motivo para a luta armada entre as duas maiores potências do mundo ocidental da época foi a questão sucessória do trono francês.

No ano da graça de 1328, Carlos IV, rei francês e último dos filhos de Filipe, o Belo, morreu prematuramente. A sua morte resultou em um grande problema para a Casa dos Capetos, que reinava sobre a França desde 987. Sem ter deixado filhos do sexo masculino, a sua dinastia havia morrido com ele. Quem assumiria o trono francês? O parente mais próximo do soberano morto era o rei da Inglaterra, Eduardo III, filho de uma princesa francesa, Isabel. Porém, de acordo com a Lei Sálica, o soberano francês não podia ser

coroado, vindo de uma linhagem feminina. O parente de Carlos IV mais próximo, sendo de linhagem masculina, era Filipe de Valois, que imaginava ser o legítimo herdeiro. Embora ambos se achassem no direito de substituir Carlos IV no trono da França, muitos nobres franceses apoiavam Filipe de Valois, que acabou sendo elevado ao poder com o nome de Filipe VI. De início, Eduardo III aceitou; porém, aos poucos, pôs-se a questionar a sucessão. E ele estava disposto a usar a força para conseguir o seu intento, ou seja, tornar-se também rei da França, mesmo já sendo o soberano dos ingleses. Declarou-se inimigo de Filipe de Valois e passou a considerá-lo como usurpador.

Eduardo III subira ao trono inglês no ano de 1327, com a idade de 14 anos. Era filho do incrivelmente rico e belo Eduardo II, o qual não era muito amado por seus súditos. O povo inglês esperava que seus governantes gostassem de caça, justas e mulheres, enquanto que Eduardo II era um moço delicado, que amava teatro, menestréis e homens. Tinha não somente fama de medroso, como também de azarado. Consta a lenda que ele morreu após ter recebido um golpe fatal em que foi empalado com um cano quente enfiado no ânus, vítima da própria esposa Isabel, conhecida como a Loba da França, e o amante desta, Roger Montimer. Três anos depois, quando tinha apenas 17 anos, Eduardo III vingou a morte do pai. Entrando nos aposentos de Roger Montimer com uma espada em punho, levou-o para as masmorras do castelo, onde permaneceu preso até ser enforcado.

Filipe de Valois tornara-se rei da França em 1328. Tanto ele, quanto Eduardo III, começaram a se preparar para a guerra e ambos imaginavam que Deus estaria do seu lado. Na época, estima-se que o rei francês possuía vinte e um milhões de súditos. Por sua vez, a população inglesa era bem menor, talvez em torno de seis milhões de pessoas.

Pelas mãos de um dos conselheiros do rei Eduardo III, o bispo de Lincoln Henrique Burghersh, Filipe de Valois recebeu uma carta, onde o rei inglês dizia ser ele o legítimo herdeiro ao trono francês. Ao tomar conhecimento de tamanho atrevimento, o soberano da França decidiu se preparar para a guerra contra seu rival inglês, uma guerra que nenhum dos dois veria o final, pois ela se estenderia por mais de cem anos, com intensas batalhas seguidas por longos períodos de trégua.

A primeira batalha da Guerra dos Cem Anos aconteceu no dia 24 de junho de 1340, no Canal da Mancha. Filipe de Valois planejou invadir a Inglaterra e despachou mais de 200 navios franceses para a batalha. Mesmo

estando em um número significativamente menor, os ingleses saíram vencedores, dominando não só o Canal da Mancha, mas uma boa parte da costa francesa por mais de vinte anos.

Evidentemente, a guerra tinha um custo elevado e, para manter seus exércitos equipados e os soldados vestidos e alimentados, o rei Eduardo III viu-se obrigado a aumentar os impostos, o que redundou em enorme desagrado da população. Durante os anos de 1340, ocorreram poucas batalhas campais, colocando frente a frente os inimigos. Na maioria das vezes, aconteciam disputas locais entre pequenos bandos, que cercavam uma fortaleza ou sitiavam uma cidade, ateando fogo nos campos para que o povo se rendesse em virtude da fome ou ainda cortavam o abastecimento de água das cidades sitiadas, a fim de que as pessoas capitulassem também pela sede. Era comum montar grandes catapultas ao redor das muralhas e lançar projéteis em chamas dentro das cidades. Descoberta na China no século IX, a pólvora tornou-se uma novidade nos campos de batalhas, pois os exércitos começaram a utilizar canhões, como ocorreu no cerco da cidade de Calais, onde os ingleses empregaram tal arma em 1346. Neste mesmo ano, os exércitos de Eduardo III conquistaram uma grandiosa vitória em Crécy, transformando o rei inglês num verdadeiro herói.

Durante o período da peste, a guerra foi interrompida, tendo recomeçado apenas em 1355, quando o rei inglês, Eduardo III, enviou novos exércitos para combater em terras francesas. No ano seguinte, os ingleses venceram a célebre batalha de Poitiers, aprisionando o próprio rei da França, que agora era João II, o qual sucedera seu pai no trono francês em 1350. O jovem filho de Eduardo III, Eduardo de Woodstock ou o Príncipe Negro como ficou conhecido por usar uma armadura escura, foi o autor desta célebre façanha. O soberano da França só seria libertado em 1360, quando os franceses, enfim, resolveram pagar o valor do resgate pedido, ou seja, 500 mil libras, uma verdadeira fortuna para a época. Além do resgate, ficou acertado que três filhos do rei seguiriam para Londres a fim de permanecerem em seu lugar. Porém, um deles conseguiu fugir. Para manter a palavra empenhada, o rei João II retornou espontaneamente para ser preso outra vez na Inglaterra, onde morreu em 1364.

De onde veio a peste?

De acordo com um cronista da época, desde o ano de 1346, já

circulavam na Europa notícias de que uma misteriosa doença estava dizimando populações inteiras no Oriente. Outras fontes existentes relatam que tal enfermidade vinha mostrando todo o seu poder de devastação desde 1330. Ibn Al-Wardi, um erudito árabe, informa que uma estranha doença contagiosa havia matado milhares de pessoas na Ásia por mais de quinze anos. Esta epidemia era tão violenta, que não poupava nem ricos, nem pobres e, no ano de 1332, o próprio Grande Khan mongol, Jijaghatu Toq-Temur, teria sucumbido a ela com a idade de 28 anos.

Em 1339, já se encontram os primeiros registros da doença vindo em direção a Oeste. Dessa época, consta que inúmeras pessoas de uma comunidade cristã nestoriana, que vivia ao redor do lago Issyk Kul, na Ásia Central, foram vitimadas pela enfermidade. Seis anos depois, a doença chegara a Sarai, um centro comercial de certa importância, localizado no Baixo Volga. Em 1346, ela alcançou o Cáucaso, onde causou grande mortandade. Segundo um cronista da época, *"a Índia ficou despovoada; a Tartária, Mesopotâmia, Síria, Armênia estavam cobertas de cadáveres; os curdos fugiram em vão para as montanhas. Em Caramânia e Cesareia, na Ásia Menor, nada permaneceu com vida"*.

Hoje, os historiadores são unânimes em afirmar que a peste negra tenha aparecido em alguma localidade da Ásia Central, entre a Mongólia e o Quirguistão, mais precisamente, nas imediações do lago Issyk Kul, onde a doença é endêmica, ou seja, existe continuamente ali, por ser peculiar da região. Issyk Kul é conhecido como "lago quente" e, durante meados do século XIV, era um próspero centro comercial. Da Ásia Central, a peste se espalhou para a Rússia e para a China, onde, de acordo com cronistas do tempo, talvez exagerando um pouco, a doença tenha matado cerca de dois terços da população, a partir de 1331.

O certo é que a enfermidade alcançou a Crimeia, sendo trazida para a Europa pelas embarcações genovesas, a partir da cidade de Caffa, onde eles mantinham entrepostos comerciais. Gênova tinha vocação para o comércio e seus navios mercantes podiam ser encontrados nos principais portos da Europa e até mesmo em algumas cidades da Ásia, como Caffa, que era uma colônia genovesa. Na verdade, eles tinham conseguido uma concessão dos mongóis, senhores da região, cujo império se estendia por um território imenso, do Rio Amarelo ao Danúbio. No litoral do Oriente Médio, comerciantes genoveses negociavam com intermediários árabes os produtos que vinham da Ásia por preços muito elevados, mas que eram revendidos nos

mercados da Europa com enorme lucro.

Por volta do século XIV, a cidade portuária de Caffa, localizada na Crimeia, possuía cerca de 70 mil habitantes, que se espremiam por ruas apertadas e sinuosas. O porto era muito movimentado e em seus mercados se falavam diversos idiomas. Acontece que os mercadores cristãos e os habitantes muçulmanos de Caffa haviam se desentendido, iniciando um conflito que acabou se transformando numa guerra. Para combater os cristãos, os muçulmanos pediram ajuda a Janibeg, chefe tártaro, que reuniu imenso exército a fim de sitiar os genoveses na cidade de Caffa. Em 1347, a peste chegou à cidade sitiada e os tártaros passaram a morrer feito moscas. Para que a peste dizimasse também os genoveses, Janibeg mandou carregar as catapultas com os cadáveres de seus compatriotas mortos e pôs-se a atirá-los por cima dos muros da cidade, na esperança de que o fedor insuportável e a doença matassem todos do lado de dentro. Logo, os defuntos passaram a empestar o ar e a envenenar as águas, de maneira que os genoveses começaram a sofrer a mesma sorte que os tártaros. Em abril de 1347, os mongóis desistiram de lutar e resolveram levantar o cerco, retirando-se de volta para a sua terra natal. Nem bem se viram livres do sítio, os genoveses armaram seus navios e partiram de volta para a Europa, trazendo nos porões das embarcações uma infinidade de ratos e muitos marinheiros terrivelmente infectados pela doença. Este relato tradicional é narrado pelo cronista da cidade de Piacenza, Gabriel de Mussis, que nunca saiu da Itália. Como ele ouviu a história de alguns marujos que tinham sobrevivido à nefasta viagem de regresso à Europa, pode ser que ela não seja totalmente verdadeira do ponto de vista histórico.

Seja como for, é voz comum entre os historiadores que foram os ratos de Caffa, trazendo as pulgas com o bacilo da peste, os responsáveis por introduzir a doença na Europa. No caminho, passaram por Constantinopla, a capital do império bizantino. Tratava-se de uma das maiores cidades cristãs do mundo, com cerca de 200 mil habitantes. Era não só um importante centro comercial, como ponto de passagem para várias rotas mercantes vindas do Ocidente. Aí também a mortandade foi grande, dando uma ideia do tamanho da tragédia que estava para se abater sobre os europeus. Demetrios Kydones era o cronista da corte e, de acordo com seu relato, todo dia se enterrava muitas pessoas e a cidade ia ficando cada vez mais vazia. O próprio imperador João IV Megas Comenos ficou tão desesperado quando soube que seu filho de treze anos havia sucumbido à doença, que ele abdicou ao trono, retirando-se para

viver na solidão de uma cela monástica, onde terminou seus dias orando, refletindo e chorando.

A peste chega à Europa

A notícia da enorme mortandade que vinha ocorrendo na Ásia já havia chegado às cidades europeias, mas ninguém se preocupou muito com isso. Afinal de contas, o Oriente era uma terra distante demais, habitada por pagãos e infiéis e, se a doença estava aniquilando populações inteiras, era porque esta seria a vontade de Deus. De qualquer forma, imaginavam que se achavam seguros na Europa, ideia que se mostrou completamente equivocada. Segundo Georges Duby, a peste veio do Oriente através da Rota da Seda. Quase todo comércio chegava da Ásia até o Mar Negro por rotas terrestres em caravanas; daí em diante, até alcançar os principais portos europeus, as mercadorias eram conduzidas por navios.

Até hoje, os historiadores não chegaram a um consenso sobre o número de navios genoveses que partiram da cidade de Caffa em direção à Europa. Certos cronistas da época afirmam que foram três embarcações repletas de especiarias, ratos e doentes. Outros falam em quatro, seis e até mesmo doze navios, formando a esquadra. De qualquer forma, os relatos deixados por aqueles que escreveram logo após estes eventos informam que os marinheiros fugiam de Caffa *"com a doença grudada até nos ossos"*.

Como a peste era uma doença inexistente em terras europeias, as pessoas não possuíam defesas naturais contra ela e quase todos os contaminados morriam em poucos dias. Todavia, alguns indivíduos acabavam se curando, enquanto que outros pareciam estar imunes à enfermidade. Somente isto pode explicar como embarcações terrivelmente infectadas pela peste conseguiram realizar a longa viagem de Caffa até a Sicília, sem que tivessem se tornado navios fantasmas navegando à deriva pelo oceano. O fato é que eles completaram o percurso, atracando no porto da cidade de Messina, na Sicília, navios carregados de defuntos, doentes e ratos.

Quando a primavera de 1347 chegou à Europa, deixando para trás um rigoroso inverno e trazendo consigo as esperanças de renovação, os camponeses das aldeias europeias mal podiam adivinhar a funesta catástrofe que se abateria sobre suas vidas. As embarcações genovesas aportaram na Sicília durante esta estação, de onde a pandemia logo se espalhou por toda a Itália. No verão do ano seguinte, a peste já havia atravessado o território

francês inteiro e ultrapassado o próprio Canal da Mancha, chegando à Inglaterra. Ainda no final de 1348, a doença fez enormes devastações na Alemanha e, ao longo dos três anos que se seguiram, ela iria atingir os países mais distantes do centro europeu, como a Escócia, Escandinávia, Polônia, Portugal e Rússia.

Portanto, a porta de entrada da peste na Europa foi a cidade de Messina, na Sicília. Um cronista da época, frei Michelle da Piazza, deixou um curioso relato sobre o evento, embora não tenha informado qual seria a procedência dos navios. Diz Piazza que, tão logo os marinheiros enfermos desembarcaram, junto dos ratos, as pessoas com quem eles tiveram contato passaram a adoecer. De acordo com a sua narrativa, primeiro surgia um furúnculo na coxa ou no braço do infeliz, que passava a tossir sangue e vomitar por cerca de três dias. Depois deste período de terrível sofrimento, vinham a falecer, uma vez que não existiam remédios para curar tal enfermidade. Além disso, logo as pessoas perceberam que a doença se espalhava com muita velocidade e de maneira extremamente fácil. Bastava alguém ter conversado com o doente, ou tocado suas roupas e pertences, para também contrair aquele mal incurável, que acabaria levando o enfermo para a cova. Não demorou muito para descobrirem que tamanha calamidade tinha sido causada pelos marinheiros genoveses e, imediatamente, as autoridades de Messina expulsaram as embarcações de seus portos. Porém, era tarde demais e o dano já se encontrava feito. Os ratos já haviam descido pelas cordas dos navios e tomado as ruas imundas. Temendo serem contaminadas, as pessoas deixaram de sair de casa, o comércio fechou e apenas as igrejas mantinham-se repletas de fiéis, rezando pelo fim de tamanha desgraça. Frei Michelle da Piazza diz que o desespero tomou conta de todos e, quando um pai descobria que seu filho fora contaminado, no mesmo instante, era abandonado pela família. Segundo o frade, apenas os animais, como cães e gatos, não abandonaram os seus donos. Em pouco menos de seis meses, estima-se que metade da população de Messina tenha perecido em virtude da peste.

Uma das primeiras medidas tomadas pelas autoridades de Messina para tentar conter a peste foi acender grandes fogueiras pelas ruas. De certa forma, isto ajudou um pouco, pois afugentava os ratos. Logo, porém, a cidade começou a se esvaziar, pois a população, tomada pelo desespero, só pensava em fugir. As pessoas deixavam para trás todos os seus pertences e as estradas se encheram de caminhantes que vagavam sem destino certo, suados, sujos e famintos. Em pouco tempo, a doença se espalhou por toda a Sicília, infectando

cidades vizinhas de Messina, como Catânia, Siracusa e Agrigento. Algumas delas proibiram a entrada de forasteiros suspeitos de portarem a doença, mas tal medida mostrou-se inútil. Um ano depois, a peste ainda matava muita gente na Sicília, até que ela se extinguiu sozinha, deixando como saldo a morte de um terço da população da ilha.

O cronista florentino Villani deixou um resumo da tragédia provocada pela peste:

"Das oito galeras genovesas que tinham seguido para o Mar Negro, apenas quatro retornaram, repletas de marinheiros infectados, que morriam um após o outro durante a viagem de regresso. E todos que chegaram a Gênova morreram, e corrompeu-se o ar em tal medida que todos que se acercaram dos corpos morreram pouco depois. E foi uma doença em que apareciam certas inchações na virilha e debaixo dos braços, e as vítimas cuspiam sangue, e em três dias estavam mortas. E o sacerdote que confessou os enfermos e quem os atenderam também se contagiaram pela enfermidade e as vítimas foram abandonadas e privadas de confissão, sacramentos, medicina e atenção... E muitas terras e cidades ficaram desoladas. E a peste durou até..."

Curiosamente, o cronista levantou a pena neste ponto, deixando a frase suspensa. A sua intenção era concluí-la, quando a peste tivesse terminado, mas o destino não permitiu. O próprio cronista foi contaminado pela doença e veio a falecer naquele terrível ano de 1348.

A peste em Gênova

No século XIV, Gênova era uma das mais prósperas cidades italianas e tinha o comércio como sua vocação natural. Encravada entre as montanhas, a cidade possuía muitas casas luxuosas, belos palácios e era cercada por altas muralhas. Estima-se que a população genovesa da época beirava as noventa mil pessoas.

Nos dois anos que antecederam a chegada da peste à Europa, as cidades e aldeias italianas do sul achavam-se com sérios problemas para alimentar as suas populações. Desde 1345, chovera demais na região e as safras não foram suficientes para abastecer a demanda. Outra vez, as pessoas viam-se diante do fantasma da fome, pois, em muitos locais, já não existia

mais quase nada para se comer, além de mato, gramíneas e raízes. Inúmeras pessoas chegaram a morrer por inanição e milhares permaneciam subnutridas, facilitando a propagação da peste entre os organismos debilitados dos camponeses.

Em meados de 1347, as embarcações genovesas que regressavam de Caffa, trazendo nos porões dos navios a terrível doença, chegaram de volta ao lar. Como os habitantes de Gênova já sabiam da tragédia que estava ocorrendo nas cidades da Sicília, a primeira coisa que fizeram foi impedir que aquelas embarcações infectas, que traziam a morte consigo, atracassem em seus portos, lançando sobre os navios flechas ardendo em fogo. Eles conseguiram impedir que os marinheiros desembarcassem na cidade e, após terem sido rechaçados, foram vistos pela última vez navegando em direção ao Oceano Atlântico.

Todavia, outro navio apareceu de surpresa e, ao que consta, conseguiu atracar por algum tempo no porto de Gênova. Ignora-se qual tenha sido a origem deste barco, mas como boa parte da tripulação achava-se infectada pela peste, imagina-se que pode ter sido uma das naus remanescentes da frota que partira de Caffa. Tão logo se descobriu que esta embarcação trazia a doença, expulsaram-na imediatamente, mas já era tarde. Acredita-se que a pandemia tenha se espalhado por Gênova trazida por este navio.

A maioria das grandes cidades italianas nos deu homens que descreveram a peste para a posteridade. Gênova é um caso à parte, pois não produziu nenhum cronista contemporâneo da tragédia. Pelo menos, não se conhecem relatos de genoveses que viveram o período e que tenham chegado até nós. Em virtude disso, pouco se sabe sobre a evolução da doença na cidade. Estatísticas conservadoras apontam que trinta mil pessoas teriam falecido vítimas da peste em Gênova.

A peste em Veneza

No século XIV, Veneza era uma cidade ainda mais próspera do que Gênova e uma das maiores de toda a Europa. Alguns historiadores falam que ela possuía cerca de 120 mil habitantes, podendo ter chegado a quase 150 mil pessoas pouco antes da peste adentrar em seus muros. Tal prosperidade decorria de sua atividade comercial com outras cidades, sobretudo, em virtude do comércio que vinha praticando há algum tempo no Mediterrâneo Oriental.

Veneza possuía um sistema de saúde bastante elaborado, com diversos médicos à disposição e um número muito razoável de hospitais para atender a

população doente. Tudo indicava que a cidade iria se sair melhor do que as demais no combate à pandemia, por se achar melhor preparada, mas não foi o que aconteceu. Quando a enfermidade chegou, Veneza foi desvastada de uma forma tão violenta, quanto qualquer outra localidade.

Acredita-se que por volta de janeiro de 1348, a peste tenha começado a se espalhar pelo interior das muralhas de Veneza. Dois meses depois, as autoridades da cidade se reuniram, com a presença de Andrea Dandolo, que ocupava o posto de doge, e resolveram tomar uma série de medidas para tentar combater a enfermidade e, dessa forma, procurar diminuir a terrível mortandade, pois há registros de que chegaram a falecer até 600 pessoas por dia. A primeira delas foi vistoriar rigorosamente os navios que atracassem no porto de Veneza. Todas as embarcações eram obrigadas a permanecer ali de quarentena, sob pena de morte para quem desobedecesse. Se houvesse a mínima possibilidade dos navios estarem infectados pela doença, eles seriam imediatamente incendiados. Para tentar manter a ordem pública, os governantes decretaram que as estalagens e tavernas deveriam ser fechadas, para que não fossem servidas bebidas alcoólicas ao povo. Era uma espécie de Lei Seca e quem fosse encontrado com vinhos seria punido severamente. Como os médicos se tornaram insuficientes para cuidar de tantos enfermos, decretou-se que os cirurgiões, antes vistos como médicos de segunda categoria e considerados por muitos quase como meros artesãos, tivessem permissão para praticar a medicina da mesma forma que qualquer médico. Outra medida tomada foi o estabelecimento de que todos os mortos deveriam ser sepultados em covas com um metro e meio de profundidade, para evitar que a doença se espalhasse. Por fim, decretou-se que, todos os dias, gôndolas municipais circulariam pelos canais gelados de Veneza, a fim de recolher os cadáveres que permaneciam nas casas das famílias e que teriam falecido durante a noite.

Apesar de todos os esforços feitos pelos governantes venezianos, o resultado foi catastrófico. Sem outra opção, muitas pessoas abandonaram seus postos de trabalho e fugiram da cidade, numa tentativa desesperada de salvar a própria vida. Calcula-se que cerca de sessenta por cento da população de Veneza tenha sucumbido à peste, ao longo dos dezoito meses em que ela permaneceu na cidade.

A peste em Florença

É muito provável que, já a partir de janeiro de 1348, a peste passou a

se espalhar pelo continente europeu por via terrestre e não mais apenas pelos navios que a tinham trazido da cidade de Caffa. Boccaccio relata que a enfermidade havia chegado a Florença no ano de 1348:

"Afirmo, portanto, que tínhamos atingido já o ano bem farto da Encarnação do Filho de Deus, de 1348, quando, na mui excelsa cidade de Florença, cuja beleza supera a de qualquer outra da Itália, sobreveio a mortífera pestilência."

Todos já sabiam que a peste iria chegar à cidade a qualquer momento e, da mesma maneira que Veneza, os florentinos também procuraram se prevenir contra a enfermidade na medida do possível. As autoridades municipais alertaram as pessoas para que elas não saíssem de casa e deixassem limpa a parte das ruas diante de suas residências. Os açougueiros foram proibidos de lançar o sangue e os restos de animais em logradouros públicos, para evitar que se juntassem insetos e ratos. E como as prostitutas e os sodomitas foram acusados de causarem a catástrofe, acabaram sendo expulsos de Florença.

Mesmo antes da peste chegar a Florença, os boatos sobre ela já corriam por inúmeras bocas dos moradores da cidade. A história que circulava em todas as conversas era que oito embarcações genovesas tinham regressado da Crimeia infectadas com a terrível doença. Quatro delas haviam regressado para a Sicília, enquanto que as demais ninguém sabia de seu destino e acreditavam que ainda permaneciam vagando, repletas de cadáveres, pelos oceanos. Diziam que esta tragédia já tinha sido prevista por astrólogos, muito antes dela alcançar o Ocidente.

Estima-se que a cidade possuía, em 1348, algo em torno de oitenta e cem mil pessoas, sendo considerada por seus orgulhosos moradores como uma das mais belas, ilustres e prósperas de toda a Europa. Apesar das medidas preventivas tomadas, as mortes começaram a ocorrer entre março e abril daquele ano e tudo o que fizeram mostrou-se inútil, como afirma Boccaccio:

"Na cidade de Florença, nenhuma prevenção foi válida, nem valeu a pena qualquer providência dos homens. A praga, a despeito de tudo, começou a mostrar, quase ao principiar da primavera do ano referido, de modo horripilante e de maneira milagrosa, os seus efeitos. A cidade ficou purificada de muita sujeira, graças a funcionários que foram admitidos

para esse trabalho. A entrada nela de qualquer enfermo foi proibida. Muitos conselhos foram divulgados para a manutenção do bom estado sanitário. Pouco adiantavam as súplicas humildes, feitas em número muito elevado, às vezes por pessoas devotas isoladas, às vezes por procissões de pessoas, alinhadas, e às vezes por outros modos dirigidas a Deus".

Na primavera de 1348, a peste negra finalmente atravessou o conjunto das três grandes muralhas que cercavam Florença. De acordo com um cronista florentino, a doença alcançou o povo *"com a velocidade de um incêndio que corre por uma substância seca ou oleosa".* Quem pôde abandonou a cidade, acreditando que a fuga era o melhor remédio para prevenir a enfermidade. Inúmeras pessoas foram se refugiar nos campos, imaginando que a peste não as alcançaria, como ocorreu com os dez jovens protagonistas do *Decamerão*. O comércio fechou as portas e muitas residências foram abandonadas. De acordo com Boccaccio, diversas casas vazias acabaram sendo ocupadas por estranhos, que as adentravam e passavam a se utilizar delas como se fossem os próprios donos. Apenas as igrejas permaneciam abertas.

Quando a doença mostrou toda a sua ferocidade em Florença, cada um procurou salvar a própria vida como pôde. Temendo serem contaminados, os parentes abandonavam os enfermos à própria sorte, esposas deixavam seus maridos gemendo nos leitos e fugiam para os campos, filhos desamparavam seus pais, saindo de casa e indo procurar outro lugar para viver. Os sinos das igrejas não paravam de dobrar pelos mortos. Esta orquestra macabra chegou a irritar os vivos a tal ponto, que autoridades florentinas proibiram que eles fossem badalados, pois isto estava tirando a autoestima daqueles que permaneciam sadios. Segundo um cronista da cidade, ocorreram tantas mortes em Florença, que os cadáveres eram sepultados *"camada sobre camada, exatamente como se colocam camadas de queijo numa lasanha".*

Como faltavam braços para a lavoura, os alimentos tornaram-se escassos e o preço de tudo subiu vertiginosamente. O valor pedido pelo açúcar tornou-se proibitivo, ovos, aves, leite, carne e farinha ficaram caríssimos e o óleo para iluminar as lamparinas praticamente sumiu do mercado. Não só os comerciantes, mas também médicos, boticários, barbeiros e charlatães aproveitaram para ganhar dinheiro com a peste, cobrando altos preços para tratar os doentes. Muitos vendiam cataplasmas feitos a partir de ervas, anunciando que tais panaceias curariam as pessoas da peste, mas que na realidade não ajudavam em nada. Os criados que tomavam conta dos doentes,

alegando que estavam mais propensos a contrair a enfermidade, exigiam elevados salários para realizar seu ofício, pois sabiam que ninguém mais estava disposto a desempenhar tais tarefas. Os próprios coveiros, que iam rareando cada vez mais, tiveram seus salários bastante aumentados. Por essa época, surgiu em Florença um grupo chamado "becchini", quase sempre formado por homens de baixa classe social, às vezes, vagabundos, às vezes, malandros e vigaristas, que prestavam um serviço à população semelhante aos dos coveiros. Não só transportavam os defuntos em carretas, como os sepultavam nos cemitérios, além de exercer outras tarefas que ninguém mais desejava realizar. Segundo alguns relatos, normalmente eram homens violentos, que praticavam a extorsão, faziam baderna e até cometiam assassinatos. Dizem que os "becchini" costumavam entrar nas residências onde existia alguém doente para conduzir o moribundo ao cemitério no estado em que se encontrava, ameaçando levar junto até as pessoas saudáveis, caso não cumprissem as suas exigências.

Os que podiam, adotaram uma atitude epicurista e passaram a aproveitar a vida, comendo do melhor, bebendo muito e gastando todo dinheiro que possuíam, uma vez que não sabiam quanto tempo lhes restava sobre a terra.

Por volta de setembro de 1348, a peste já havia desaparecido da cidade de Florença. Estima-se que metade da população tenha sucumbido com a pandemia. Curiosamente, após a grande mortandade, os sobreviventes acabaram melhorando de vida, de maneira que muitos chegaram mesmo a enriquecer, pois herdaram os bens dos demais. Os mosteiros fizeram verdadeiras fortunas e foram os maiores beneficiados pela peste negra, pois receberam uma infinidade de doações.

Boccaccio e Petrarca

Boccaccio e Petrarca foram os dois maiores escritores do século XIV e sobreviveram à peste para contá-la à posteridade. Antes de prosseguir com este breve relato sobre a peste negra, faz-se mister abrir um pequeno parêntese para dizer algumas palavras a respeito destes dois homens notáveis.

Segundo a maioria de seus biógrafos, Giovanni Boccaccio teria nascido no ano de 1313 na cidade de Certaldo, embora Florença também reivindique as glórias de ter sido o berço do autor do *Decamerão*. Quando a pandemia alcançou esta última, ele teria cerca de 35 anos.

Desde muito cedo, o jovem Boccaccio mostrava ter um espírito inclinado para as letras, embora o pai dele tivesse tentado fazer do rapaz um comerciante. Como ele não se adaptava ao comércio e não possuía o menor interesse em se tornar um mercador, o pai impôs-lhe o estudo das Leis, que também não agradou ao jovem. Boccaccio muda-se para Nápoles, onde começa a se dedicar a escrever. Por esta época, apaixona-se perdidamente por uma jovem chamada Fiammetta. A garota, porém, não retribui seu amor e decide se casar com outro homem. Em 1340, desiludido, segue para Florença, onde passará grande parte de sua vida. No final da década, conhecerá Petrarca, que considera um mestre e de quem se tornará amigo para sempre.

No início do *Decamerão*, Boccaccio descreve um pouco como foi a peste de 1348, que serviu para unir as dez pessoas que vão narrar o conjunto das histórias do livro. Os jovens em questão encontram-se na igreja de Santa Maria Novella, em Florença. Ali, Pampineia propõe aos outros que se reúnam em uma propriedade no campo para fugir da peste e passar horas amenas na companhia dos jovens amigos.

Boccaccio faleceu aos 62 anos, em 1375, e até hoje os seus biógrafos discutem se ele se achava ou não em Florença, quando a peste atingiu a cidade.

Francesco di Petracco nasceu no ano de 1304 numa bela propriedade na cidade de Arezzo. Anos mais tarde, mudaria o nome de família para Petrarca, pois acreditava que a forma soava de maneira mais eufônica. Seu pai sonhava que o rapazinho se tornasse advogado e, com pouco mais de doze anos, enviou-o para a Universidade de Montpellier a fim de estudar Leis. Como tinha pouco interesse pelos estudos jurídicos, quase nenhum proveito tirou deles, aproveitando seus anos da juventude para ler os clássicos gregos e latinos. Aos dezesseis anos, vai estudar na Universidade de Bolonha e começa a se interessar por poesia. Em 1326, seu pai veio a falecer e, com isso, ele recebeu uma pequena fortuna. Muda-se para Avignon, então sede do papado, e começa a aproveitar a vida, vivendo com luxo e esbanjamento. No ano seguinte, no dia 6 de abril, ocorreu o encontro que marcaria o poeta por toda sua existência. Era uma Sexta-Feira Santa e Petrarca assistia a missa na igreja de Santa Clara na cidade de Avignon, quando seus olhos cruzaram com os de uma moça bastante atraente. Foi paixão à primeira vista e, por vinte e um anos, dedicou-se a este amor platônico. Em seus versos, chamou-a de Laura e até hoje não se sabe se este seria de fato o seu nome verdadeiro. Pode ser que não fosse, uma vez que ela era casada e o poeta não desejava comprometê-la.

Alguns historiadores afirmam que ela seria Laura de Noves, enquanto que outros dizem que a musa inspiradora do poeta chamava-se Laura de Sade. Na dúvida, fiquemos apenas com Laura, que é a maneira como Petrarca se dirigia a ela em seus versos.

Como era uma mulher casada, não podia corresponder ao amor do poeta. Sabe-se que ela era loira, possuía a pele muito branca e, de acordo com a maioria dos biógrafos e críticos literários, ela teve onze filhos. Laura foi uma das mulheres de Avignon que não escapou à pandemia e morreu vítima da peste negra no ano de 1348. A morte dela abalou profundamente o poeta. Na época, ele se encontrava na cidade de Parma e foi avisado da tragédia através de uma carta, enviada pelo seu amigo, o músico Louis Heyligen. Inconsolável, Petrarca escreveu na primeira página de um de seus livros preferidos, um exemplar de Virgílio:

"Laura, ilustre por suas virtudes e há muito celebrada em meus poemas, surgiu diante de meus olhos pela primeira vez no princípio da minha vida adulta, na igreja de Santa Clara, em Avignon, no 1327° ano do Nosso Senhor, no dia 6 de abril, na missa da madrugada. E na mesma cidade, no mesmo mês de abril, no mesmo dia 6, na mesma hora, em 1348, sua luz foi roubada deste mundo. Decidi fazer esse registro nesse lugar, que sempre está diante de meus olhos."

No seu "*Cancioneiro*", encontram-se 366 poesias, grande parte delas consagradas a Laura. Esta obra pode ser dividida em duas partes: poemas dedicados à amada enquanto ela ainda era viva e poemas escritos após a morte da musa.

Petrarca foi um grande viajante e morou em inúmeras localidades. Como se disse, achava-se em Parma, quando Laura faleceu. No ano seguinte, dirigiu-se para Verona e, depois, Pádua. Em 1350, esteve em Florença, Roma e Arezzo e, em 1351, visitou Verona, Mântua e Ferrara. É por essa época que conhece Boccaccio, com quem travará grande amizade e que descreveu o poeta como sendo *"leve e de passo ágil, de olhar animado, rosto redondo e bonito."* Em 1354, esteve em Veneza, onde conheceu o doge Andrea Dandolo. Dizia que não gostava de cidades muito populosas, tanto que foi se refugiar por algum tempo na pequena Vaucluse. Contudo, isto não o impediu de morar em Milão por quase oito anos.

Sua fama de grande escritor já se estendia por toda a Europa. Em

1341, ele fora coroado pelo rei de Nápoles, Roberto, o Sábio, no Palácio do Senado, no Capitólio, como "poeta laureado", uma distinção que não vinha mais sendo conferida a nenhum escritor desde a época romana. Recebe das próprias mãos do rei a coroa de louros, com que Petrarca será sempre retratado em pinturas posteriores.

Sobre a peste, escreveu o poeta:

"Feliz a posteridade, que não conhecerá dor tão grande e que considerará nosso testemunho como fábula!".

Em outra passagem de sua obra, ele indagava:

"Onde estão agora nossos caros amigos? Que relâmpago os devorou? Que terremoto os derrubou? Que tempestade os afogou? (...) Éramos uma multidão e agora estamos quase sós."

Na época da peste, Petrarca tinha 44 anos. Ele possuía um irmão, Gherardo, que era monge no mosteiro de Montrieux. Quando a pandemia alcançou a Europa, muitos mosteiros abriram as suas portas e permitiram que os monges fugissem. O prior de Montrieux havia dado ordem para que todos os frades regressassem para suas casas, a fim de escaparem da peste; porém, Gherardo e outros trinta companheiros, cheios de fé e confiança, decidiram ficar. Logo, a doença chegou ao mosteiro e matou os trinta monges, exceto Gherardo que, por algum motivo, não foi contaminado pela enfermidade. Sozinho, ele se desdobrava para cuidar dos doentes e enterrar os mortos. Durante algum tempo, ele foi o único habitante do mosteiro de Montrieux, que passou a ser saqueado por ladrões, os quais imaginavam que todos houvessem falecido.

Petrarca teve uma filha, Francesca, e também um filho, Giovanni. Morreu em 1374, um ano após ter lido o *Decamerão*.

A peste em Roma e Siena

Por volta de maio de 1348, a peste penetrou as muralhas da cidade de Siena. Contudo, foi na metade do ano, quando o calor do verão mostrou-se mais intenso, colaborando com a proliferação dos ratos, que a doença se tornou um enorme problema.

Siena era uma cidade grande para a época, muito maior do que Roma, por exemplo, possuindo cerca de 90 mil habitantes. Localizada a cerca de 50 quilômetros ao sul de Florença, era um importante centro bancário. Seus governantes imaginavam que tal calamidade estava se abatendo sobre os homens por causa dos pecados destes. Por isso, para tentar aplacar a cólera divina, os sienenses proibiram o jogo e arrecadaram uma fortuna de mil florins em ouro, a fim de ser distribuída aos pobres que perambulavam pelas ruas da cidade. Tudo inútil, pois a peste continuou matando impiedosamente os infelizes moradores de Siena. Calcula-se que metade da população tenha perdido a vida com a doença.

Enormes valas foram escavadas para servir de cova aos mortos, que já não tinham mais como ser enterrados nas igrejas. Os coveiros, que trabalhavam nus da cintura para cima, mal tinham tempo de cobrir os defuntos com terra, pois logo chegavam novos cadáveres que eram jogados por cima dos outros, nas mesmas valas, onde eram sepultados de qualquer forma. Dizem que os mortos eram enterrados de maneira tão relapsa, que os cães escavavam as covas durante a noite e os retiravam dali, arrastando-os pelas ruas escuras da cidade, devorando-lhes os restos das carcaças putrefatas. E os enterros, quase sempre, eram feitos sem a presença de um padre, que pudesse oficiar os ritos da praxe.

Agnolo di Tura, o gordo, escreveu uma vívida descrição da peste negra em Siena:

"A mortandade em Siena começou em maio. Foi uma coisa cruel e horrível e nem sei por onde começar a falar de sua crueldade e de seus sofrimentos pavorosos. Dir-se-ia que quase todos ficaram idiotizados ao ver aquela dor. E é impossível para a língua humana narrar a terrível verdade. Na realidade, quem não viu coisas tão horríveis pode se considerar um bem-aventurado. E as vítimas morriam quase que imediatamente. (...) O pai abandonava ao filho, a mulher ao marido e o irmão ao irmão. (...) Não se podia encontrar ninguém que enterrasse os mortos por amizade ou por dinheiro. (...) E eu, Agnolo di Tura, dito o gordo, enterrei os meus cinco filhos com minhas próprias mãos."

Quando a peste chegou à Europa, Roma estava muito longe de ser aquela cidade grandiosa da antiguidade. Suas ruas eram estreitas e viviam imundas, suas praças já não ostentavam as imponentes estátuas de outros

tempos e a maioria dos velhos edifícios encontrava-se arruinada, pois as pessoas estavam acostumadas a roubar os tijolos e as peças de mármores para as utilizarem em suas residências. A população romana, que no auge do império havia chegado à casa de meio milhão de habitantes, se nos basearmos em estatísticas conservadoras, tinha diminuído drasticamente na época da peste negra e a cidade contava apenas com algo em torno de 35 mil pessoas.

A doença alcançou Roma entre julho e agosto de 1348, em pleno verão europeu. Todos já sabiam que a enfermidade chegaria de uma hora para outra e, quem pôde, abandonou a velha urbe e foi se refugiar no campo em casa de parentes ou amigos. Como nas demais cidades italianas, aqui também a mortandade foi enorme. A diferença apresentada com relação a muitas localidades é que grande parte dos cadáveres foi cremada. Estima-se que entre trinta e cinquenta por cento da população tenha sucumbido vitimada pela pandemia.

A peste na França

No século XIV, o reino cristão mais populoso da Europa era a França, que possuía entre 18 milhões e 24 milhões de habitantes. Acredita-se que a peste tenha se difundido da Itália pelo Mediterrâneo, alcançando a cidade francesa de Marselha, famosa pelo seu porto, através do qual entravam na França as mercadorias que chegavam do Oriente. Por causa deste porto, Marselha, que possuía algo em torno de 25 mil pessoas, havia se tornado um notável centro comercial da época.

Alguns historiadores afirmam que a peste tenha ingressado em Marselha, trazida pelas embarcações que haviam sido proibidas de desembarcar em Gênova. É quase certo que, por essa época, a maioria das cidades costeiras já deveria ter sido avisada de que navios vindos do Oriente estavam trazendo uma terrível doença. Estranhamente, as autoridades portuárias permitiram que uma dessas embarcações atracasse no porto de Marselha. Consta que ela permaneceu ali por poucas horas, pois logo os marselheses caíram em si e tomaram consciência do perigo que estavam correndo, expulsando a nau imediatamente. Porém, o estrago já estava feito e foi dessa forma que a pandemia entrou em terras francesas. Dizem que era dia de finados, 2 de novembro de 1347, mas é possível que esta data tenha sido sugerida posteriormente, apenas para dar ao episódio um presságio agourento e funesto.

Em Marselha, onde as mulheres usavam decotes tão grandes que eram conhecidos como "janelas do inferno", ocorreu algo diferente. Quando a pandemia se agravou pelos meses de março e abril de 1348, as pessoas não procuraram abandonar sua cidade, como se deu em muitas outras localidades. Na verdade, a população tentou se adaptar às novas condições. Praticamente todas as instituições municipais permaneceram funcionando, de maneira que os marselheses preferiram ficar juntos de seus familiares e amigos a fugir para os campos.

Logo, começou a correr pelas ruas da cidade o boato de que a peste estava sendo causada pelos judeus. Quando chegou a Páscoa de 1348, iniciaram-se inúmeras chacinas contra eles em diversas cidades da Europa. Na época da Páscoa, os ânimos dos cristãos contra os judeus sempre se acirravam, em virtude deles terem sido os "responsáveis" pela morte de Cristo. As pessoas invadiam os guetos, arrancavam os infelizes de suas casas e os matavam diante de seus familiares. Ninguém era poupado, nem crianças, nem velhos, homens ou mulheres. Alguns cristãos mais piedosos ainda lhes davam a oportunidade de se converterem num último momento, caso desejassem salvar suas vidas; porém, pouquíssimos aceitavam. Para eles, receber o batismo era considerado algo ainda pior do que a morte e muitas mães judias chegaram a lançar seus próprios filhos no fogo, matando-se em seguida, para evitar que os pequenos fossem batizados.

Curiosamente, em Marselha não ocorreram estes *pogroms* e a comunidade judaica, com cerca de 2500 pessoas, foi preservada. Aliás, inúmeros judeus que sofriam perseguições em outras cidades procuraram refúgio em Marselha.

Não se sabe ao certo o número de pessoas que perdeu a vida na cidade em função da peste. Mas as cifras são bem altas. Segundo Louis Heyligen, músico da época e amigo pessoal de Petrarca, tinham morrido quatro em cada cinco pessoas. Isto corresponderia a 80% dos habitantes de Marselha, o que é um exagero. Hoje em dia, acredita-se que metade da população marselhesa tenha perecido vitimada dela doença.

Outras cidades do sul da França, como Montpellier, Narbona, Toulouse, Montalban, foram contaminadas no início de 1348. Estima-se que 40% da população tenham falecido nestas localidades, embora, em alguns grupos específicos, a taxa de mortalidade tenha sido bem maior. Sabe-se que, em Montpellier, dos 140 frades dominicanos que viviam num mosteiro, apenas 7 conseguiram sobreviver, ou seja, houve um total de 95% de mortos.

A 80 quilômetros ao norte de Marselha, localiza-se a cidade de Avignon, então sede da residência oficial do papa. Era não só um centro eclesiástico, mas também financeiro e comercial. Em função disso, a cidade possuía uma enorme população flutuante, que enchia as suas ruas, e muitas celebridades podiam aí ser encontradas, como o próprio Petrarca. Acredita-se que a doença tenha transposto os muros de Avignon ainda no mês de janeiro de 1348 e, ao que tudo indica, a variante principal da peste que atingiu as pessoas foi a forma pneumônica, uma vez que a taxa de mortalidade mostrou-se extremamente alta. Um terço dos cardeais que vivia na cidade perdeu a vida e calcula-se que, em seu auge, a enfermidade tenha matado cerca de 400 pessoas por dia. Segundo o relato de um cronista inglês, apenas na primeira semana da peste, 65 monges carmelitas haviam falecido em Avignon. Diante de tamanha calamidade, o papa procurou manter a calma e emitiu inúmeras bulas, inclusive, algumas onde procurava proteger os judeus e condenava o movimento flagelante, que brotava na Europa Central. Para resguardar o papa, Guy de Chauliac, seu médico particular, recomendou que se acendessem fogueiras nos aposentos de Sua Santidade, pois ele acreditava que o calor haveria de purificar o ar contaminado. As fogueiras deram algum resultado, pois espantavam as pulgas. Todavia, quando a mortandade chegou ao seu ápice, Guy de Chauliac aconselhou o papa a se retirar da cidade e se refugiar no campo, numa localidade chamada Etoile-sur-Rhône. Só regressou para Avignon, quando a pestilência tinha perdido a sua força. Grande parte dos habitantes da cidade resolveu seguir o exemplo de Clemente VI e deixou Avignon, tanto que o comércio fechou suas portas. Guy de Chauliac, por sua vez, resolveu ficar. Ele relatou que a pandemia entrou na cidade em janeiro e durou sete meses. De acordo com o médico, a peste teve duas fases, sendo que a primeira estendeu-se por dois meses e foi caracterizada por uma febre contínua e expectoração de sangue. As pessoas contaminadas acabavam falecendo ao prazo de três dias após apresentarem os sintomas. Já a segunda fase da pandemia durou os outros cinco meses. Além da febre, os pacientes também apresentavam abscessos e bubões, especificamente, nas virilhas e nas axilas. O próprio Guy de Chauliac conta que ele também fora contaminado pela peste, tendo desenvolvido um tumor muito dolorido na virilha. Afirma que permaneceu doente por quase seis semanas, imaginando que iria morrer, mas, milagrosamente, acabou recobrando a saúde.

Para o homem do século XIV, o contágio da peste parecia tão terrível e violento, que muitas pessoas chegaram a acreditar que a doença passava de

um indivíduo ao outro através simplesmente do olhar. A fim de combater a enfermidade, proibiram a entrada de estrangeiros em Avignon e, por diversas ruas, atearam-se enormes fogueiras, na esperança de purificar o ar envenenado, como pregava Guy de Chauliac. A certa altura, espalhou-se o boato de que a peste podia ser transmitida pelos peixes, que se encontrariam contaminados. Em função disso, as pessoas deixaram de comê-los. Como todos sabiam que as especiarias entravam na Europa em embarcações genovesas, os mais abastados, que podiam pagar por elas, também deixaram de comprá-las, pois elas podiam ter vindo num dos navios que trouxe a peste. Para tentar aplacar a cólera divina, as pessoas de Avignon resolveram organizar procissões noturnas, onde muitos se martirizavam, procurando fazer com que o Criador se apiedasse do sofrimento dos homens e colocasse um fim definitivo para aquele castigo. Como Deus não se mostrou muito misericordioso e a população continuou morrendo feito moscas, resolveram queimar judeus, apesar das reprimendas do papa Clemente VI.

Em carta escrita para um amigo, o músico Louis Heyligen afirmou que havia em Avignon *"dentro das muralhas da cidade, mais de sete mil casas vazias, onde ninguém mora, porque todos morreram"*. Os coveiros trabalhavam da aurora ao anoitecer, tanto eram os cadáveres para serem enterrados. O cemitério da cidade não comportou a quantidade de mortos, de maneira que o papa se viu obrigado a abençoar o rio Ródano, permitindo que os corpos fossem lançados na correnteza. Ao longo do dia, uma infinidade de defuntos inchados descia o rio, muitas vezes emborcando nas margens e ficando à mercê de animais como cães selvagens e porcos.

Como em outras cidades, os moradores de Avignon também abandonaram os doentes, deixando os moribundos largados à própria sorte. Os próprios padres temiam o contato com os enfermos e se recusavam a lhes ministrar os últimos sacramentos. O certo é que a mortandade foi enorme na cidade. Louis Heyligen escreveu a um amigo, dizendo que, apenas entre janeiro e abril de 1348, cerca de 62 mil pessoas tinham perdido a vida em Avignon. Estimativas modernas admitem que metade da população tenha morrido vítima da peste.

Conta o cronista Jean de Venette, que no ano de 1348, apareceu nos céus de Paris uma estrela muito brilhante e todos começaram a ver isto como um sinal de desgraça iminente. Na verdade, a população parisiense já tinha conhecimento que uma doença terrível estava dizimando milhares de pessoas nas cidades e aldeias do sul; por isso, esperavam que a peste chegasse a Paris

a qualquer momento e enchiam as igrejas, pedindo a Deus para poupá-los de tamanha calamidade.

Na época, governava a França o rei Filipe de Valois, um homem gorducho e bastante inseguro. Tão logo a enfermidade transpôs as muralhas que protegiam a cidade, o rei dos franceses não perdeu tempo e fugiu de Paris, abandonando seus súditos. A capital francesa era uma das maiores cidades do mundo no tempo, possuindo mais de 200 mil habitantes, e foi atingida pela peste, provavelmente, entre maio e junho de 1348. A doença tornou-se bastante crítica nos meses do inverno, quando o número de mortos subiu a 800 pessoas por dia. Jean de Venette, um monge carmelita e professor de Teologia na Universidade de Paris, foi testemunha dos acontecimentos e relatou o seguinte:

"Tão grande era a mortandade no Hôtel-Dieu, que durante muito tempo, mais de 500 defuntos eram levados com grande devoção em carretas ao cemitério dos Santos Inocentes, de Paris, para serem enterrados. Um grande número das santas irmãs do Hôtel-Dieu, sem temor, atendeu com toda doçura e humildade aos enfermos, sem pensar no horror, e hoje elas descansam em paz com Cristo, como nós piedosamente o cremos".

Havia pouco a ser feito contra a doença e os próprios médicos da Universidade de Medicina de Sorbonne recomendavam que a população fugisse para os campos. A peste era transmitida de casa para casa e milhares de pessoas morreram. Acredita-se que um em cada três parisienses tenha perdido a vida em virtude da peste negra. De acordo com Jean de Venette, *"a peste durou na França a maior parte dos anos de 1348 e 1349, e logo cessou. Muitas aldeias e muitas casas de grandes cidades ficaram vazias e desertas. Muitas casas, incluindo algumas esplêndidas moradas, ficaram em ruínas. Até em Paris, muitas casas ficaram arruinadas."*

O principal cemitério da cidade, o dos Santos Inocentes, precisou ser fechado, pois não tinha mais espaço onde os cadáveres pudessem ser sepultados. Em média, cerca de 500 corpos por dia saíam do Hôtel-Dieu, uma espécie de asilo, abrigo para sem-tetos e hospital ao mesmo tempo, para serem transportados, empilhados dentro de carroças, ao cemitério dos Santos Inocentes. Paris só não queimou judeus, porque já os tinha expulso anteriormente da cidade.

Calcula-se que, de maio de 1348 a dezembro de 1349, a capital francesa tenha perdido mais de setenta mil pessoas vitimadas pela doença.

Em grande parte das cidades da Normandia, no alto das igrejas, colocou-se uma bandeira negra para advertir a todos sobre a presença da peste negra. Estimativas conservadoras indicam que a região perdeu, em média, cerca de 30% da população. Em algumas cidades, a peste foi mais severa, como em Ruen, que perdeu 50% de seus habitantes. Segundo um cronista da época, *"cada dia, os corpos dos mortos eram levados à igreja: já cinco, já dez, já quinze e, na Paróquia de St. Brice, às vezes vinte ou trinta. Em todas as paróquias, os curas, ajudantes e sacristães, para cobrar seus honorários, tocavam de manhã, tarde e noite os sinos, e isto fez com que toda a população da cidade, mulheres e homens igualmente, fossem tomados pelo medo."*

A sede do papado em Avignon

Em 1296, o papa Bonifácio VIII lançou a bula *Clericis Laicos*, onde se dizia que todo governante que cobrasse impostos do clero poderia incorrer na pena de excomunhão. Em resposta a esta determinação do papa, que feria diretamente os interesses da coroa francesa, o rei da França, Filipe IV, o belo, proibiu terminantemente que se saíssem de seu território todo ouro, prata, joias e outras riquezas, prejudicando bastante a igreja romana. Além do mais, Filipe IV se achava no direito de cobrar impostos do clero francês, para socorrer os cofres reais, que andavam cada vez mais à míngua. Tais medidas estremeceram bastante as relações entre o clero e o estado francês.

Em 1301, Filipe mandou prender um bispo, acusando-o de alta traição. O papa Bonifácio VIII interveio, ordenando a libertação imediata do bispo, mas o rei recusou-se obedecer à ordem papal e pediu não só apoio da nobreza, como também do povo, para lutar contra o pontífice. Bonifácio VIII reagiu, lançando mais uma bula, a *Unam Sanctam*, onde se afirma ser absolutamente necessário que todos os seres humanos se submetam ao papa de Roma. Filipe IV ficou furioso e decidiu depô-lo de seu posto, alegando que a sua eleição se dera de maneira fraudulenta. Após tê-lo acusado de ser herético, simoníaco e devasso, o rei da França enviou seus soldados para a cidade de Anagni, onde o papa, um ancião de 86 anos, tinha ido passar o verão em sua terra natal. Brutalmente, os soldados franceses invadiram a residência onde o papa se achava e o mantiveram preso por vários dias. A população da cidade ficou horrorizada com o que estava testemunhando e saiu às ruas em defesa do pontífice, libertando-o. Contudo, o velho papa não suportou tamanha

ofensa, vindo a falecer algumas semanas depois.

Quatro anos após, em 1305, o trono papal ficou vago novamente e Filipe IV, usando toda a sua influência, colocou no posto um velho amigo seu, Clemente V. Este nunca havia colocado os pés em Roma e a sua primeira medida foi mudar a sede do papado para a cidade de Avignon. Por mais de 70 anos, período que ficou conhecido como "cativeiro babilônico" em referência ao antigo cativeiro dos judeus, diversos papas comandaram a igreja daquela cidade, submetendo-se à vontade dos reis franceses e apoiando estes em sua guerra contra a Inglaterra. Ali, os papas viveram em meio ao luxo e corrupção, tanto que Petrarca descreveu Avignon como a *"Babilônia do Ocidente"* e chegou a afirmar que *"os simples pescadores da Galileia estão cobertos de ouro e púrpura"*.

Segundo reza a lenda, o papa Clemente V resolvera mudar a sede da igreja para Avignon, pois era nesta cidade que residia a sua amante francesa, a Condessa de Perigord. O seu sucessor foi João XXII, um homem esguio e pretensioso, que adorava contar a sua fortuna pessoal, avaliada em mais de 25 milhões de florins e que pesava quase cem toneladas.

Na época da peste, como já ficou dito, ocupava o trono papal Clemente VI, que foi um grande libertino. Quando lhe censuravam por macular a cátedra de São Pedro com tais pecados, alegava que fazia isso por recomendações médicas. E para provar que não fora o único a incorrer em tal vício, elencava uma série de papas devassos que o havia precedido.

Clemente VI vivia cercado de luxo e pompa. As pessoas comentavam que jamais, em toda a história da igreja, outro papa gastara tanto quanto ele, como se fosse um rei esbanjador. Em seu armário, possuía mais de mil peles de arminho, adorava cavalos e também gostava de apostar em jogos de azar, além de facilitar o acesso de mulheres em seus aposentos. No palácio papal, estavam a serviço dele e de seus parentes mais de 400 empregados. Quando lhe indagavam por que seu modo de vida era tão diferente de outros papas, Clemente VI simplesmente respondia: *"Meus antecessores não sabiam ser papas*".

Somente em 1377, com o papa Gregório XI, é que a sede do papado regressou para Roma. Porém, ele faleceu no ano seguinte, deflagrando uma terrível crise na igreja. Urbano VI foi eleito para o cargo, procurando reduzir o poder dos cardeais, que não aceitaram. Estes escolheram um novo papa francês, Clemente VII, e regressaram para Avignon. Assim, dois papas achavam-se no direito de comandar a cristandade, um em Roma e o outro em

Avignon, para horror dos fiéis. Evidentemente, a igreja dividiu-se e cada lado só tratava de excomungar o outro. A confusão estendeu-se por trinta e dois anos, até 1409, quando os cardeais tentaram resolver o problema, elegendo um terceiro papa! Não deu resultado e a disputa pelo comando da igreja só terminou em 1414, no Concílio de Constança, quando os três papas aceitaram renunciar, subindo ao trono papal Martinho V.

A peste na Inglaterra

Na época em que a peste negra chegou à Inglaterra, a sua economia apresentava-se em franca prosperidade. A lã inglesa era vendida por toda Europa e o número de ovelhas superava a casa de oito milhões de animais. Cifras enormes para o tempo, levando-se em conta que a própria população humana no país permanecia em torno de seis milhões de pessoas.

A maioria dos historiadores acredita que a enfermidade tenha entrado na Inglaterra através da cidade de Melcombe Regis, no condado de Dorset. Em setembro de 1348, duas embarcações contaminadas vindas da Gasconha teriam atracado no pequeno porto da cidade, localizado no Canal da Mancha. Segundo um cronista do tempo, estes dois navios teriam chegado durante o solstício de verão, infectando os habitantes da região. Logo, a peste espalhou-se para outras cidades do sul e sudoeste, como Bristol, Southampton, Plymouth e Exeter. O cônego da abadia de St. Mary-of-the-Meadow, Henry Knighton, bem descreveu os primeiros dias da doença na Inglaterra:

"Logo a terrível pestilência avançou ao largo da costa por Southampton e chegou a Bristol, onde morreram quase toda gente da cidade, já que foi surpreendida por uma morte súbita; depois, poucos ficavam de cama mais do que dois ou três dias, ou mesmo um dia. Logo, esta cruel morte se propagou para todos os lados, seguindo o curso do sol."

No século XIV, a Inglaterra era um país predominantemente rural e apenas 10% da população viviam em aldeias e cidades com mais de mil habitantes. Evidentemente, os mais ricos foram os menos atingidos pela pandemia, porque eram melhores alimentados, suas residências de pedras não tinham tantos ratos como as choupanas dos pobres e possuíam hábitos higiênicos um pouco menos sofríveis. De acordo com as estatísticas, acredita-se que os ingleses pertencentes à elite tiveram uma taxa de mortalidade de

25%, enquanto que as camadas mais miseráveis da população sofreram baixas bem maiores, entre 40% e 70%, dependendo da localidade. Na Cornualha, por exemplo, houve um aumento bastante significativo de terras que ficaram vacantes por falta de arrendatários. Dentre os efeitos sociais e econômicos causados pela peste na região, pode-se destacar a falta de mão-de-obra e o consequente aumento nos salários para qualquer serviço. Muitas plantações diminuíram de forma significativa, como o cultivo de trigo e aveia, embora, curiosamente, algumas safras tenham aumentado, como ervilhas e cevada.

Em 1348, chuvas torrenciais despencaram sobre a Inglaterra e as pessoas se reuniam debaixo das tempestades para sepultar os seus mortos. Além dos homens, ocorreu também enorme mortandade de animais, que foram vitimados pela peste. Os pastos apresentavam-se repletos de carcaças de ovelhas e vacas, as quais permaneciam abandonadas debaixo da chuva, pois não havia braços para enterrar tantos animais.

Conforme se acredita, a cidade de Bristol foi contaminada pela peste por volta do outono de 1348, quando um navio trazendo a doença atracou em seu porto, o principal do oeste da Inglaterra naquela época. Segundo as palavras do monge Henry Knighton, a pestilência necessitou apenas de dois dias para se espalhar pelas ruas da cidade inteira. As pessoas morriam rapidamente e em número tão assustador, que os vivos não tinham mais tempo de enterrar os cadáveres de seus parentes e amigos. De acordo com estimativas da época, calcula-se que a cidade perdeu cerca de 35% de sua população.

Pouco ao norte de Bristol, localiza-se Gloucester. Os seus habitantes sabiam que a peste poderia chegar à sua cidade a qualquer momento e, por isso, tomaram algumas medidas preventivas. Os portões foram trancados e ninguém entrava em seu interior sem ser examinado. Além disso, expulsaram de suas casas todas as pessoas que moravam nas imediações do porto, pois elas já poderiam ter sido contaminadas. Tais medidas não adiantaram nada, pois a enfermidade entrou pelas ruas de Gloucester e matou boa parte da população.

Em Oxford, a tragédia também foi grande. Em poucos meses, três prefeitos perderam a vida, infectados pela doença. Muitos indivíduos que possuíam parentes ou amigos com casas no campo foram se abrigar com eles, fugindo da pestilência, que estava dizimando milhares de pessoas na cidade. Os que não tinham para onde ir acabaram ficando em suas residências e muitos pereceram. Crônicas do tempo relatam que, em Oxford, não sobrara quase

ninguém para enterrar os cadáveres.

Em pouco tempo, todas as aldeias do sul da Inglaterra passaram a ser contaminadas pela peste. A mortandade foi tão grande que, em alguns pequenos vilarejos, não sobrou ninguém.

No século XIV, Winchester possuía entre cinco mil e oito mil pessoas, sendo considerada uma cidade de porte médio. Todavia, era uma das mais ricas e prósperas da Inglaterra. A peste atravessou suas muralhas no final de 1348 e, já em janeiro do ano seguinte, os seus cemitérios encontravam-se abarrotados de defuntos, tendo sido necessário consagrar novos terrenos para se fazer os sepultamentos. Na falta de outros espaços no interior das muralhas, até a principal avenida comercial da cidade foi consagrada como cemitério. Mesmo assim, parece que tal iniciativa não foi o bastante, pois há relatos de que muitos cadáveres permaneciam empilhados pelas ruas, infectando o ar. Cogitou-se em abrir uma enorme vala fora dos muros da cidade para sepultá-los todos juntos, mas a ideia não foi levada adiante, uma vez que os mortos seriam enterrados em solo não sagrado, de maneira que suas almas poderiam se perder para sempre. Apenas no inverno de 1348 e 1349, acredita-se que metade da população de Winchester tenha sucumbido vitimada pela enfermidade.

Alguns historiadores afirmam que Londres possuía uma população em torno de cem mil habitantes. Outros, mais conservadores, alegam que a cidade apresentava cerca de sessenta mil moradores. De qualquer forma, era de longe a maior cidade inglesa. Londres era barulhenta. Logo ao amanhecer, os sinos das igrejas começavam a bimbalhar em meio aos guinchos dos animais que iam ser abatidos. Pelas ruas, os mercadores anunciavam os seus produtos gritando o mais que podiam e ruídos de ferreiros martelando bigornas eram ouvidos de longe em longe. Pelas vias esburacadas, entulhadas de animais, como vacas, cães, ovelhas, galinhas e porcos, carroças passavam rangendo a levar lenha e outros produtos por entre músicos, mendigos e desocupados em geral, que se espremiam dentro das muralhas da cidade. Londres também era imunda. Açougueiros matavam animais nas ruas e deixavam o sangue deles empoçados diante de suas lojas, a atrair moscas e outros insetos. O lixo era lançado por toda parte, permanecendo estorricando ao sol e espalhando-se com as chuvas. Grande parte dos dejetos ia parar no rio Fleet, que se achava tremendamente poluído, lançando um cheiro constante de fezes no ar, um aroma tão forte e mefítico que era pestilento até mesmo para os padrões da Idade Média. O próprio rei, Eduardo III, reclamava que o ar da cidade se

achava por demais corrompido.

Evidentemente, tamanha imundície atraía ratos. E com eles, vinham as pulgas infectadas pelo bacilo *Yersinia pestis*. Acredita-se que a peste tenha chegado às ruas de Londres ainda em novembro de 1348. Sabe-se que, em dezembro, Eduardo III, que já havia perdido uma filha, vitimada pela enfermidade, decidiu fugir para o campo, abandonando seus súditos aos caprichos da sorte.

Historiadores supõem que a pestilência tenha entrado em Londres através de navios atracados no rio Tâmisa. Logo, a doença se espalhou pela cidade. O comércio fechou as portas, as pessoas já não saíam mais às ruas e um silêncio lúgubre tomou conta do lugar. Agora, só se ouviam os terríveis gemidos dos moribundos em seus leitos de morte e o choro inconsolável das pessoas que tinham perdido seus entes queridos.

A peste permaneceu matando em Londres até a primavera de 1350 e calcula-se que entre 35% e 40% da população tenha sucumbido, ou algo em torno de trinta mil londrinos.

Em toda Inglaterra, historiadores afirmam que cerca de 50% da população teria perecido em virtude da pandemia entre os anos de 1348 e 1350, quando a pestilência assolou o país.

A peste em outros países

A peste negra alcançou praticamente todas as regiões da Europa. Em junho de 1348, a enfermidade penetrou no território alemão pela Bavária, embora o historiador Ole Benedictow informe que a doença tenha entrado pelo oeste. Por muito tempo, era voz comum afirmar que a Alemanha e a Áustria tinham sofrido pouco com a pandemia, mas isto não é verdade. Historiadores contemporâneos que têm se debruçado sobre o assunto alegam que os alemães e os austríacos sofreram tanto quanto outros povos europeus. Sabe-se que a pestilência fez grandes estragos nas cidades de Hamburgo e Mainz. Calcula-se que, em cada uma delas, metade da população pereceu. Os números são ainda mais estarrecedores em Bremen, onde cerca de 70% de seus habitantes perderam suas vidas. Na primavera de 1349, a peste atravessou as muralhas de Viena e espalhou-se pelas ruas da cidade, matando mais de um terço de seus moradores. As pequenas aldeias alemãs também não foram poupadas. Cronistas do tempo informam que as pessoas ficaram desesperadas e perambulavam de um lado para outro, sem saber para onde iam, como se

tivessem enlouquecido. Ninguém mais cuidava do gado, que permanecia solto pelos campos. Ovelhas e carneiros foram abandonados por seus donos e passaram a ser devorados pelos lobos que desciam das montanhas a fim de atacá-los.

A peste negra também atingiu a Península Ibérica. Acredita-se que ela deve ter alcançado a região por volta da primavera de 1348 ou ainda antes. Como não existem muitos dados da época sobre a pandemia, tampouco o testemunho de cronistas, fica difícil saber quão violenta foi a doença na Espanha e em Portugal.

Historiadores afirmam que a peste pode ter entrado em terras espanholas pela Ilha de Maiorca, quando uma embarcação contaminada, proveniente de Marselha, atracou em seu porto. Todavia, há quem afirme que a enfermidade já se encontrava na região, trazida por navios mercantes vindos da Itália. Certo mesmo, é que em março de 1348, Barcelona e Valência, duas das maiores cidades espanholas, já haviam sido infectadas pela pestilência. Elas possuíam entre 30 mil e 50 mil habitantes e estima-se que faleceram entre 30% e 40% da população. Em maio deste mesmo ano, um navio partiu de Maiorca e levou a peste para a cidade de Almería, no sul, alcançando, posteriormente, a cidade de Granada, último reduto islâmico na Espanha. Baseando-se na doutrina tradicional do islamismo, os teólogos muçulmanos afirmavam que os fiéis não deveriam fugir da peste negra e nada deveria ou poderia ser feito contra ela, uma vez que esta era a vontade de Deus, cabendo apenas a Ele decidir quem viveria ou quem morreria.

Nessa época, reinava sobre o trono da Espanha o rei Alfonso XI de Castela, que liderava os espanhóis na guerra contra os muçulmanos de Granada. Eles haviam acabado de cercar a Fortaleza de Gibraltar, quando a enfermidade chegou ao campo de batalha. Imaginando que a vitória estivesse próxima, o rei recusou-se a suspender a guerra e liberar os seus soldados, de maneira que pagou um alto preço por sua teimosia. Alfonso XI foi contaminado pela doença e veio a falecer poucos dias depois de surgirem os primeiros sintomas, tornando-se, em toda a Europa, o único monarca a morrer vitimado pela peste negra.

Com a chegada da pandemia, o funcionamento das instituições locais de justiça foi interrompido na Espanha, provocando um grande aumento na criminalidade. Peregrinos que seguiam aos milhares para Santiago de Compostela, um dos principais centros de peregrinação de toda a Europa, passaram a ser assaltados e, em muitos casos, mortos pelos bandidos.

Os anos da peste foram marcados por um violento anti-semitismo no continente inteiro e milhares de judeus foram massacrados, sobretudo se fossem ricos, pois as pessoas aproveitavam para saquear seus bens. Na Península Ibérica, porém, houve um esforço para proteger os judeus da fúria dos cristãos, que os culpavam por toda aquela catástrofe. Na Espanha, as comunidades judaicas eras numerosas e prósperas e os israelitas prestavam inúmeros serviços na sociedade, trabalhando como arrecadadores de impostos, médicos, boticários, intérpretes, etc. Alguns historiadores afirmam que, em nenhuma outra parte da Europa, eles foram melhores tratados do que na Península Ibérica. Isto não quer dizer que os judeus não tenham sido perseguidos durante o tempo em que grassou a enfermidade na região; simplesmente, sofreram menos ataques do que em outras localidades.

Portugal também padeceu bastante com a peste, ao contrário do que se imaginava há algum tempo. Acredita-se que a pandemia tenha se espalhado pelas terras portuguesas a partir do verão de 1348, sobretudo, nas pequenas aldeias e nas zonas rurais. Sabe-se que alguns grupos específicos, como monjas e frades residentes em conventos e mosteiros, foram muito acometidos pela doença. Em 1348, um monge do mosteiro de Seiça afirmou que, em apenas dois meses, cerca de 150 residentes, entre clérigos e caseiros, haviam perdido a vida. No ano seguinte, a abadessa do mosteiro de Lorvão escreveu que a maior parte das freiras, que ali residiam, tinha perecido em virtude da pestilência. Inúmeras igrejas ficaram sem pároco, pois muitos faleceram. O Cabido da Sé de Braga tornara-se tão desfalcado em virtude das diversas mortes provocadas pela peste, que Dom Gonçalo Pereira escreveu para o papa, Clemente VI, solicitando que se nomeassem vários nobres para os cargos que haviam ficado vagos.

Também há referências a uma enorme mortandade nos centros urbanos maiores. Na cidade do Porto, muitas pessoas pereceram vítimas da doença e, por diversos anos, nenhum herdeiro reclamou a propriedade de inúmeras casas, que tinham ficado vazias. Naturalmente, todos os descendentes haviam sucumbido vitimados pela pandemia. Coimbra e Lisboa também foram afetadas pela peste, onde muitos morreram, segundo relatos.

Além da Península Ibérica, a peste negra também alcançou regiões mais distantes da Europa. O cronista John de Fordu, impressionado com o que testemunhou, descreve a chegada da pandemia à Escócia:

"No ano de 1350, ocorreu no reino da Escócia uma grande

pestilência entre os homens que, desde o princípio do mundo até os tempos modernos, nunca haviam ouvido os homens."

Mesmo sendo na época uma região pouco povoada e predominantemente rural, os povos da Escandinávia sofreram bastante, quando a enfermidade chegou aos países nórdicos. Segundo a tradição, a peste teria entrado ali pelo porto norueguês da cidade de Bergen, uma das mais prósperas da região e importante centro comercial da Liga Hanseática. Da Noruega, a doença se espalhou pelo Suécia, atravessou o Mar Báltico e entrou novamente na Rússia. Acredita-se que o clima frio do norte, que facilitava as complicações pulmonares, tenha sido um fator decisivo para a disseminação da variante pneumônica da peste. Até 1350, a pestilência já havia se propagado por toda a região e, em algumas localidades da Escandinávia, acredita-se que até a metade da população tenha perecido. Os números parecem ter sido ainda maiores na Islândia, onde 60% dos habitantes faleceram. Na Groelândia, a peste mostrou-se tão violenta, que muitas colônias cristãs ali existentes foram completamente extintas.

Os flagelantes

Na Alemanha, multiplicaram-se dois fenômenos ligados à peste: a flagelação e os pogroms. Nenhum deles teve início no século XIV e tampouco se limitou à Alemanha; contudo, foi na Renânia que eles se mostraram mais intensos. Sabe-se que o surgimento dos flagelantes ocorreu em fins do século X, com a aproximação da virada do milênio, quando diziam que Cristo regressaria para dar início a uma nova época.

Os flagelantes eram fanáticos religiosos que, para pagar os seus pecados, perambulavam pelas estradas da Europa, indo de cidade em cidade, martirizando seus próprios corpos com açoites. Imaginavam que, dessa forma, conseguiriam aplacar a fúria de Deus, que havia lançado a peste sobre os homens por causa dos pecados destes. Além disso, acreditavam que, agindo assim, não seriam contaminados pela doença ou, se fossem, teriam boas chances de ganhar os céus. Os flagelantes já foram descritos como *"uma raça sem cabeça"*. Entre 1348 e 1349, espalharam-se pela Europa Central a fustigar o próprio corpo até que o sangue jorrasse pelas feridas.

Não foi um movimento tão desorganizado, quanto parece à primeira vista. Oficialmente, tinha recebido o nome de Irmandade dos Flagelantes e

Confraria da Cruz. Quem desejasse entrar para o movimento precisava se confessar, relatando todos os pecados que cometera desde os sete anos de idade. Isto, após ter obtido permissão de sua esposa, caso possuísse uma. O postulante prometia então se flagelar três vezes ao dia, durante trinta e três dias e oito horas. Não era permitido tomar banho, trocar de roupa ou fazer a barba. Também estava proibido falar com mulheres ou manter relações sexuais.

Os flagelantes caminhavam nus da cintura para cima, em grandes filas de dois em dois, mortificando seus corpos. Havia também algumas mulheres, mas estas caminhavam atrás de todos. Enquanto se torturavam, iam cantando hinos religiosos e sempre obedeciam ao chefe do grupo, chamado por todos de "mestre". Para escândalo dos clérigos autênticos, estes mestres ouviam confissões, impunham penitências e até perdoavam os pecados. Em geral, estas procissões macabras duravam trinta e três dias e um terço, lembrando o tempo de vida de Cristo na terra.

Tais bandos possuíam entre 50 e 500 pessoas e, tão logo entravam nas cidades, uma multidão em torno deles imediatamente se formava. Os sinos das igrejas bimbalhavam, anunciando a chegada dos flagelantes e as pessoas, dominadas por uma curiosidade sádica, saíam de suas casas para ver o sofrimento alheio. Ao ingressar em uma aldeia, descalços, cobertos com andrajos, os habitantes locais punham-se a berrar: "Salvem-nos". Eram vistos quase como super-heróis; afinal, estavam ali para ajudar as pessoas que sofriam com a peste. Alguns choravam, outros pediam bênçãos para seus mortos. Os flagelantes dirigiam-se então para a igreja mais importante do lugar, diante da qual formavam um círculo. Neste momento, tinha início o ritual de açoitamento, enquanto cantavam hinos e davam graças a Deus e glórias a Nossa Senhora. Às vezes, um cravo afiado se enroscava na carne, precisando ser arrancado com um puxão violento e dolorido, lacerando ainda mais o corpo ensanguentado do sujeito. Em alguns casos, as feridas infeccionavam, provocando dores insuportáveis.

Os chicotes dos flagelantes eram confeccionados com três fieiras de cordas, amarradas a um bastão. Em cada extremidade, existia um nó, onde se fixava um cravo afiado como navalha. Com isto, eles torturavam as costas, os ombros e as pernas. As pessoas tocavam o sangue de suas feridas, imaginando que seriam abençoadas. Antes de deixarem a cidade, o mestre do grupo lia a "Carta Celeste", um documento que eles diziam ter sido escrito pelo próprio Deus, que fora encontrado na igreja do Santo Sepulcro em 1343. Dizia a carta:

"Ó vós, filhos dos homens, vós, homens de pouca fé (...). Não vos arrependestes de vossos pecados nem guardastes meu Domingo Santo (...). Portanto, enviei contra vós os sarracenos e os pagãos (...), terremoto, fome, bestas; serpentes, ratos e gafanhotos; granizo, relâmpago e trovão (...), água e dilúvios (...). Portanto, pensei em exterminar a vós e a todas as criaturas da terra; mas, em nome de minha Santa Mãe, em nome dos santos querubins e serafins, que suplicam por vós dia e noite, concedi um prazo maior. Mas vos juro (...), se não guardardes Meu Domingo, enviarei sobre vós bestas selvagens jamais vistas, converterei em trevas a luz do sol (...) e cobrirei de névoas as suas almas".

Na verdade, era um privilégio receber os flagelantes em sua cidade ou aldeia. Todos queriam lhes dar as boas-vindas e muitos contribuíam com eles, oferecendo-lhes velas ou os alimentando. A maioria das pessoas acreditava que estes mártires eram honrados e puros e tinham poder de curar os doentes. Dizem que chegaram até a levar cadáveres para eles, na esperança que os pudessem ressuscitar. E além de tudo isso, adoravam matar judeus.

O maior prazer dos flagelantes era dizimar os judeus e praticavam terríveis pogroms, onde quer que os encontrassem. Haviam tomado tal missão para si e ninguém conseguia tirar essa ideia fixa da cabeça deles. O próprio papa, Clemente VI, já havia publicado uma bula, onde inocentava os judeus de qualquer culpa no tocante à peste negra e as faculdades de medicina de Paris e Montpellier haviam declarado que todas as acusações contra os judeus eram levianas, uma vez que eles bebiam a mesma água, respiravam o mesmo ar e contraíam a doença da mesma forma que os cristãos. Apesar disso, os flagelantes não entendiam assim e continuaram massacrando os judeus, tanto quanto puderam. E tinham o apoio dos cristãos.

Sobretudo na Alemanha, os pogroms foram mais intensos. A matança realizada na cidade de Frankfurt mostrou-se particularmente violenta. Não só exterminaram os judeus, como saquearam todos os bens que puderam carregar. Na Basileia, os israelitas foram reunidos numa ilha do Reno e imolados. Em Estrasburgo, queimaram-se quase dois mil judeus e os assassinos aproveitaram também para saquear o que não fora destruído pelo fogo. Em Mainz, onde a comunidade judaica era grande e próspera, houve outro massacre violento. Aqui, os judeus defenderam-se e mataram cerca de duzentos cristãos. No dia seguinte, porém, os flagelantes regressaram com

reforços e exterminaram todo o gueto.

Dois casos à parte: Milão e Nuremberg

Segundo o historiador Jacques Le Goff, algumas localidades da Europa escaparam de serem contaminadas pela peste negra, como é o caso das elevadas montanhas da Savóia, a Provença e a região de Calais. Dentre os principais centros urbanos que foram atingidos pela enfermidade, Milão e Nuremberg destacam-se por terem sido duas cidades, onde a taxa de mortalidade ficou muito abaixo da média do continente. Ao tomarem conhecimento da terrível tragédia que assolava a Europa, tanto Milão, quanto Nuremberg, adotaram providências acertadas, que ajudaram a conter o avanço da doença no interior de suas muralhas.

Em Milão, as medidas tomadas foram extremas e cruéis, mas apresentaram certo resultado. Em 1348, estima-se que ela possuía quase cem mil habitantes e, diferente de outras cidades italianas, os seus governantes tinham poderes quase absolutos. Por essa época, Milão era dirigida por membros da família Visconti, que governavam como autênticos déspotas. Tão logo eram informados de casos de doentes no interior dos muros da urbe, mandavam emparedar as portas e janelas de suas casas, prendendo lá dentro não só os moribundos, mas também as pessoas sadias. Era uma medida pouco cristã, mas evitou que a pandemia se espalhasse de maneira descontrolada. Segundo consta, Milão perdeu apenas cerca de 15% de sua população, uma cifra relativamente baixa, comparando-se com as cidades vizinhas.

Já as autoridades de Nuremberg foram mais humanas com seus cidadãos e adotaram providências de caráter higiênico, como limpeza das ruas e remoção dos dejetos que costumavam permanecer ao ar livre, debaixo das inclemências do tempo. A cidade possuía algo em torno de vinte mil habitantes e, antes mesmo da chegada da peste, ela já era célebre por causa de seu sistema de saúde pública. Muitas ruas apresentavam-se calçadas com pedras e, quando se soube que a peste estava causando tantas mortes nas cidades da vizinhança, proibiu-se terminantemente de se jogar lixo nas vias públicas. Além disso, estimulou-se a higiene pessoal, com a prática de banhos mais amiúde. Ao contrário da maior parte da Europa, estes eram vistos com alguma estima pelos habitantes de Nuremberg, pois a cidade contava com quatorze casas de banho e um rigoroso sistema de inspeção, para garantir a limpeza dos mesmos.

Sabe-se que, quando a pandemia chegou a Nuremberg, as autoridades decidiram queimar os cadáveres fora das muralhas, junto com todas as roupas do falecido. Tais medidas deram fruto e calcula-se que a cidade tenha perdido apenas 10% de sua população, uma das taxas mais baixas de toda a Europa.

Afinal, quantos morreram?

Nos dias de hoje, o número total de mortes causadas pela peste negra ainda é bastante discutido. Os historiadores não chegam a um consenso e cada qual defende um ponto de vista diferente. Seja como for, as cifras impressionam e colocam a grande pandemia de 1347-1352 como uma das maiores catástrofes já sofridas pela humanidade em todos os tempos.

Como ficou visto ao longo deste estudo, a taxa de mortalidade variou de acordo com a região atingida. Algumas cidades sofreram perdas menores, estimadas entre 10% a 15% da população, ao passo que certas aldeias foram completamente aniquiladas.

Segundo o historiador Georges Duby, a Europa teria perdido ao todo cerca de 70 milhões de pessoas, mas tal cifra parece exagerada, levando-se em conta que, cálculos recentes, estimam que o continente europeu possuía cerca de 75 milhões de habitantes. Jacques Le Goff, citando J. N. Biraben, afirma que um quarto dos europeus teria sucumbido em virtude da doença.

Atualmente, costuma-se aceitar que a taxa de mortalidade da peste negra na Europa seja da ordem de um terço da população, ou seja, cerca de 25 milhões de pessoas teriam perdido a vida em função da pandemia.

Fim da peste

Após o ano de 1351, a peste negra foi naturalmente perdendo o seu poder destrutivo, até que desapareceu de todo o continente europeu. Imaginava-se que, com a extinção da doença, as pessoas se tornariam mais virtuosas e devotas, mas não foi o que aconteceu. Quando homens e mulheres perceberam que não corriam mais risco de perder a vida por causa daquela terrível pestilência, entregaram-se aos mais desabusados excessos. Os sobreviventes passaram a aproveitar a vida como podiam, bebendo desbragadamente, comendo até se empanturrarem, fazendo amor a todo momento e gastando qualquer dinheiro que recebessem. Parecia que ninguém mais pensava no futuro, de maneira que quase toda gente se entregou a

prazeres imediatos, procurando gozar os dias que lhes restavam da melhor maneira possível. Muitas mulheres pobres foram vistas desfilando pelas ruas com vestidos caríssimos, que haviam pertencido a damas da nobreza vitimadas pela enfermidade.

Porém, até o século XVIII, a peste permaneceu em estado endêmico na Europa, retornando sem muita violência de tempos em tempos, até que as pessoas, finalmente, conseguiram desenvolver anticorpos para se defender da doença. Por duas vezes, pelo menos, nos anos de 1361 e de 1369, ela regressou de forma violenta e dramática.

Em 1361, o novo surto ficou conhecido como "pestis secunda" e muita gente morreu. Algumas cidades perderam cerca de 20% de sua população. Contudo, como ela ocorreu apenas 14 anos após a peste negra ter chegado à Europa, esta nova tragédia acabou ficando à sombra da primeira, sendo pouco conhecida e estudada nos dias de hoje. O retorno da peste, para os sobreviventes da primeira enfermidade, certamente foi como um pesadelo que se repetia. Curiosamente, ela matou mais pessoas de pouca idade, sobretudo, aqueles que haviam nascido após a primeira pandemia. Por isso, também é conhecida como a "peste das crianças". Muito provavelmente, os adultos que tinham sobrevivido à peste de 1347-1352 já haviam desenvolvido a imunidade necessária para que pudessem se defender do bacilo, ao contrário dos bebês nascidos nos anos seguintes. Além das crianças, a peste secunda também matou muitos aristocratas, o que levou um cronista polonês a escrever que só morriam proprietários de terras e jovens.

Oito anos depois, em 1369, outro surto da doença apareceu, ficando conhecido como "pestis tertia". Esta foi um pouco menos severa do que as suas antecessoras, mas também ocorreu grande mortandade de pessoas nas cidades e aldeias. Acredita-se que entre 10% e 15% da população europeia tenha perecido em virtude da peste tertia. Durante os próximos 400 anos, a doença ameaçava retornar, aparecendo aqui e ali, sendo que um dos surtos mais violentos foi a "Grande Peste de Londres", que se deu em 1665.

Quando a peste negra terminou, inúmeras cidades da Europa sentiram falta de mão-de-obra em todos os setores. Com menos gente para a lida diária, os trabalhadores puderam exigir melhores salários, o que acabou gerando muitos conflitos. Na Inglaterra, as autoridades tentaram impor uma série de medidas para conter a escalada dos preços e a elevação dos salários. Isto provocou um descontentamento geral, resultando na Revolta dos Camponeses de 1381. No campo, muitas glebas foram abandonadas e as áreas cultiváveis

diminuíram terrivelmente. Contudo, segundo boa parte dos historiadores, a produção agrícola no período posterior a enfermidade cresceu. Não porque houve um aperfeiçoamento nas técnicas agrícolas, mas porque os agricultores passaram a utilizar apenas os melhores campos para o cultivo. Foi um período de prosperidade para os camponeses, uma vez que o plantio em melhores terras produzia melhores colheitas.

Por outro lado, houve uma deterioração geral de tudo em virtude da falta de braços para o trabalho. As pontes deixaram de ser consertadas e muitas casas e edifícios ruíram por falta de manutenção. Além disso, como faltavam trabalhadores, o preço de tudo subiu, inclusive alimentos.

Em geral, porém, pode-se dizer que uma das consequências da peste negra é que ela provocou uma melhora na condição de vida dos sobreviventes. Como um terço da população desapareceu, aqueles que se salvaram puderam repartir entre si as heranças. Como existiam menos pessoas, havia naturalmente mais recursos para aqueles que tinham sobrevivido à pandemia. Também houve uma reestruturação em muitas famílias, ocorrendo inúmeros casamentos. Moças quase meninas casaram-se com octogenários e até frades deixaram seus votos para se unir em matrimônio. Em consequência disso, houve um aumento na taxa de natalidade. De acordo com um monge da época, “viam-se mulheres grávidas por toda parte”.

Bibliografia

Leem-se com proveito os seguintes livros sobre a peste negra e a idade média:

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão.* São Paulo, Editora Abril, 1979.

DUBY, Georges. *Ano 1000, Ano 2000. Na Pista dos Nossos Medos*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1999.

FREMANTLE, Anne. Idade da Fé. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, s/d.

GOTTFRIED, Robert S. *La Muerte Negra*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1993.

LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval.* São Paulo, Edusc, 2002. (2 Volumes)

MACDONALD, Fiona. *Como Seria a Sua Vida na Idade Média*. São Paulo, Editora Scipione, 1999.

MACEDO, José Rivair. *Viver nas Cidades Medievais*. São Paulo, Editora Moderna, 1999.

MATTHEW, Donald. *Europa Medieval*. Espanha, Folio, 2006.

PARKER, Geoffrey. *A Era da Calamidade (1300 – 1400)*. Rio de Janeiro, Abril Livros, 1991.

PERROY, Édouard. *A Idade Média (Tempos Difíceis*). São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1965. (2 Volumes)

SAVELLE, Max. *História da Civilização Mundial*. Belo Horizonte, Editora Villa Rica, 1990. (4 Volumes)

ZIEGLER, Philip. *The Black Death*. Great Britain, Allan Sutton, 1969.